

O CORREIO

Director
Jorge Santos

SEMENARIO MONARCHICO

Editor
José Antonio Fontes, Sobrinho

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Passos Manoel, 177-1.º — Porto

Composto e impresso na Typographia de Arthur José de Souza, Largo de S. Domingos, 67 — Porto.

Agente em Paris: Alvaro Pinheiro Chagas — 6, Rue Duban
Agência em Lisboa: Largo de S. Paulo, 12

Proprietario — MARIO ANTUNES LEITÃO

1.º ANNO — N.º 13 — Avulso 20 rs.

Sabbado, 1 de Março de 1913

ASSIGNATURAS — Portugal, Ilhas e Colonias: serie de 52 n.ºs, 1\$000 reis — Serie de 26 n.ºs, 500 reis. Estrangeiro: (Paizes da União postal) — serie de 52 n.ºs, 15 francos (ou 3\$000 reis). Series de 26 n.ºs, 8 francos (ou 1\$600 reis). Brazil: serie de 52 n.ºs, 6\$000 reis (moeda brasileira). Sendo a cobrança feita pelo correio, acresce 60 reis para Portugal, Ilhas e Colonias, e 50 centimos (ou 100 reis) para o estrangeiro.
ANNUNCIOS — Na secção de annuncios: 50 reis a linha. Nas outras paginas: contracto especial.

SUMMARY

Bom estomago.
Notas de um lisboeta — ANSELMO.
Echos.
A mão do Destino — JOAQUIM LEITÃO.
Política e religião — M. DE PAIVA COUCEIRO.
Democracia — EDUARDO LUPI.
Raymond-la-Science — A. D'ORNELLAS.
Juventude Catholica.
Um pouco de Historia — J. L.
Os bons tempos da tropa — S. P.
Semana mundana — ANSELMO.
Phantasias — O terceiro hospede — ANSELMO.
Folhetim — A Chicra — O Sousa parte — ANSELMO.
Chronica militar — S. P.
Carta de Lisboa.

Bom estomago

E' admiravel a tranquillidade com que o governo da Republica e os seus representantes lá fóra recebem as mais fustigantes provas de desconsideração ou de menosprezo por parte dos governos estrangeiros.

Ao ouvir no Parlamento as creaturinhas que passaram a governar este paiz e ao ler as folhas que na imprensa as representam dir-se-hia que longe de serem provas de deprimimento desconsideração, os incidentes que lá fóra se dão com os representantes da Republica e a fórma como cá dentro os representantes diplomaticos das nações estrangeiras apresentam as suas reclamações e discutem os interesses que lhes estão confiados, são muito pelo contrario captivantes e gentilissimas provas do alto conceito em que tem o paiz com que tratam e as illustres individualidades que o governam.

Comtudo essas creaturas que hoje curvam o dorso ás fustigações de estranhos, ainda ha pouco eram hominhos vibrantes de patriotismo para quem o mais ligeiro incidente que não fosse demonstrativo de que nos respeitavam e nos temessem como se fôssemos eguaes em poder ás mais fortes potencias, era caso que os lançava n'uma exasperação irreprimivel, levando-os a apontar como de traidores á patria, e portuguezes indignos, os governos monarchicos que a qualquer reclamação estrangeira, por mais justificada que fosse, não respondessem de alto e batendo o pé.

Comtudo, á parte dois ou tres incidentes que na historia ficaram como symbolos revoltantes de *la force primient le droit*, nunca no tempo da monarchia o nosso paiz soffreu tantas e tão deploraveis desconsiderações como desde que em Portugal se implantou, redemptora e luminosa, uma Republica surgida da traição e hoje n'um equilibrio instavel sobre a cobardia ou o commodismo de um povo.

Já não fallamos da serie de indemnizações que o governo portuguez teve que pagar apoz a Revolução por mais ou menos verosimilmente justificados prejuizos soffridos, nem faremos mais que alludir de passagem a reclamações que, liquidadas já no tempo da Monarchia, de novo surgiram quando implantada a Republica, para, postas de parte

as negociações já findas no regimen anterior, apparecem augmentadas escandalosamente no regimen actual. O caso Allen de Lourenço Marques, e esse caso espantoso da questão Ambaca, são sufficientemente elucidativas.

Tambem não faremos referencia ao caso Hinton, que a seu tempo ainda ha-de ser largamente tratado para que possivel seja avaliar da probidade politica d'aquelles que no tempo da Monarchia d'essa questão fizeram um escandalo formidavel, nem mais faremos do que citar-lhe apenas a designação porque foi tratada essa famosa questão dos sanatorios da Madeira que, liquidada e prompta no tempo da Monarchia, vagamente se desenha no horizonte de novo, para pasmo e edificação das gentes.

Limitar-nos-hemos a apontar o caso dado agora em Paris do regresso á capital franceza dos dois jornalistas snrs. Homem Christo, pae e filho, duas vezes expulsos a requisição do ministro portuguez, e agora regressados a França com manifesta, clara e fustigante desconsideração para o representante de Portugal.

Ja aqui o dissemos, e hoje repetimol-o, nunca considerámos como uma afronta ao nosso paiz, as desconsiderações que aos representantes da Republica são feitas, em virtude da pouca respeitabilidade do seu proceder ou da leviandade dos seus actos.

Um paiz não pôde ser responsavel pelo procedimento de uns quaesquer individuos que a Republica se lembrou de encarregar da sua representação lá fóra, como se podia ter lembrado de os mandar engraxar botas nas Arcadas do Terreiro do Paço, como tambem um governo não se pôde ver forçado, pela consideração que lhe mereça um paiz estrangeiro, a manifestar considerações e deferencias por aquelles que d'ellas se não mostram dignos, e desde que ás instancias para a retirada d'esses individuos, o governo do paiz em questão oppõe uma recusa tenaz, baseada em allegações tolas de conveniencias de politiquice partidaria.

Se o governo hespanhol tivesse opposto ao governo francez uma recusa como resposta ás suas indicações para a substituição do ministro hespanhol em Paris, Perez Caballero, envolvido suspeitamente n'uma questão de *escroquerie*, natural seria que o governo francez passasse a manifestar por esse ministro uma desconsideração que, em boa verdade, não podia attingir o povo hespanhol, irresponsavel de facto pela permanencia d'esse diplomata na legação.

Essa desconsideração, como todas aquellas desconsiderações de que tem sido alvo o ministro da Republica em Paris e como aquellas de que foi alvo na Italia o indecoroso, moral, intellectual e physicamente, sr. Lambertini Pinto, não attingiriam as nações a que pertencem esses individuos, no primeiro caso porque o governo hespanhol que assim tivesse procedido, teria logo recebido do corajoso povo vizinho uma exautoração solemne; nos dois ultimos casos porque os snrs. João Chagas e Lambertini Pinto, não são de modo algum representantes da nação portugueza, mas simplesmente delegados de

um bando que pela audacia de meia duzia mantem inerte e tremulo, um paiz em que só lá de longe em longe brilha uma figura que não esteja de cores ante o seu guarda-portão que é carbonario ou o 2.º cabo da sua companhia que pertence a uma associação secreta.

Não protestamos pois contra as desconsiderações a que resignadamente se sujeita em Paris o sr. João Chagas, como não protestamos contra a desconsideração que em Italia soffreu o deformado sr. Lambertini Pinto.

Mas queremos accentuar, como uma affirmação a todos os estrangeiros, que sem o deploravel phenomeno da paralytia que atacou o povo que mais brilha na Historia pela sua valentia, pelo seu orgulho e pela sua decisão, Portugal poderia talvez não ter lá fora quem o representasse com muito brilho, mas teria com certeza quem o representasse com dignidade.

Notas de um lisboeta

Condemnação e amnistia

Em sua casa, em frente do espelho, o sr. Sarsfield acaba de frisar o bigode.

Junto da cama o impedido, aguarda, com a farda na mão, que o seu coronel termine a complicada operação a que está procedendo.

A certa altura o illustre militar pergunta olhando vagamente os arabescos do papel da parede e suspendendo a meio o ferro de frisar:

— Tens lido os jornaes, ó 325?

— Saiba Vossa Senhoria que sim, senhor.

— E que dizem?

— Saiba Vossa Senhoria que dizem muita cousa.

— Mas assim de especial?

— Saiba Vossa Senhoria que de especial não dizem nada.

— Então não dizem nada a respeito de julgamentos?

— Saiba Vossa Senhoria que a respeito de julgamentos só trazem o que Vossa Senhoria disse...

— No julgamento de ante-hontem?...

— Saiba Vossa Senhoria que não senhor.

— Então quando?

— Saiba Vossa Senhoria que só dizem o que Vossa Senhoria prégou quando foi do 31 de Janeiro.

— Hein?!...

E o sr. Sarsfield n'um pulo voltou-se na cadeira, olhando surprehendido o soldado que, a pés juntos, se conservou immovel, como um cabide de carne e osso, com a farda do seu coronel pendurada no braço.

— Hein?! repetiu o sr. Sarsfield.

O impedido, depois de uma hesitação, confirmou:

— Saiba Vossa Senhoria que sim, senhor.

O sr. Sarsfield ficou silencioso fitando o impedido.

Depois olhando melancolicamente a chamma do alcool a que estivera aquecendo o ferro de frisar, recordou todo o seu passado.

Lembrou a sua entrada na tropa; os seus estudos; o acto enternecedor do juramento de bandeiras; a sua entrada na politica; as suas affirmações de dedicação ao Rei; o que da Monarchia recebera; do que se valera na situação de chefe de gabinete do sr. Pimentel Pinto; do seu alvoroço quando nas ceremonias officiaes ou nos exercicios militares o Rei, — tanto o que morrera varado por uma bala no Terreiro do Paço, como o que depois ao throno subira por essa tragedia, — lhe dirigia um sorriso ou lhe endereçava uma palavra amavel. Pouco a pouco á sua memoria todos aquelles factos surgiam, como se na vespera tivessem succedido.

O 325, impassivel, olhava o seu coronel, á espera de que elle se decidisse a terminar a frisdella do bigode.

Mas o sr. Sarsfield excitado por aquellas recordações puzera de parte o ferro de frisar e começara passeando, em ceroulas, agitado e nervoso, pelo quarto.

Nitidamente apparecia-lhe ao espirito todo o drama de 31 de Janeiro, o que toda a gente sabe e o que só elle e mais tres ou quatro pessoas não ignoram. Quasi palavra por palavra recordou tudo o que por essa occasião escrevera e o que nos tribunales dissera. Lembrou a sua indignação contra os *traidores* e os seus protestos a favor do regimen.

E ao recordar tudo isto, nas veias agitava-se-lhe o sangue, aquelle sangue que jurara verter até á ultima gotta pela honra da sua bandeira, pela defeza da sua Patria.

Depois, franzindo o sobr'olho, saltou ao 5 de outubro. Evocou o que fizera, ou antes o que não fizera, n'esses dias de revolução, para logo rememorar aquellas marchas forçadas pelo norte, pelos campos de Cabeceiras de Bastos, pelos montes de Celorico, n'uma caçada ardente, enfurecida, aos desgraçados que n'uma revolta se tinham erguido a lutar á sombra gloriosa da bandeira azul e branca, d'aquella bandeira pela qual elle jurara dar a sua vida, e por fim pensou n'aquella tarde em que voltára para o meio da familia, para o conchego do seu lar, para a tranquillidade da sua casa, depois de ter sentenciado a uns poucos de annos de Penitenciaria e de degredo, uns tantos desgraçados que alli estavam por terem feito o que elle nunca soubera fazer; arriscar a vida pelo seu ideal; por terem mostrado o que elle nunca soubera mostrar; o honrado respeito pela fé jurada, pelos compromissos tomados.

E em ceroulas, com uma guia do bigode arrebitada e a outra descahida, o sr. Sarsfield parou de subito, coçando a moleirinha e olhando o bico da bota.

Depois, vagamente olhou o revolver de serviço pousado na cabeceira.

Hesitou um momento, com um ligeiro rubor na face.

Recordou os entes queridos, a alegria de viver, o ceu azul, o ar livre, o bulicio da cidade, a vida.

Hesitou de novo e, por fim, parecendo julgar-se em pleno tribunal, pronunciou gravemente olhando o impedido, que continuava impassivel, de farda no braço:

— E' o reu Alexandre Sarsfield condemnado a 10 annos de prisão maior

cellular seguido de 20 annos de degredo em possessão de 2.ª classe.

Mas logo n'um grande gesto, alegremente, exclamou:

—E agora usando da faculdade que a minha consciencia me dá perdôo-lhe a pena e ponho-o em liberdade.

E voltando ao espelho tratou de dar á outra guisa do bigode a curva matricial que tão bem vae á sua face de militar sempre bem comido, bem bebido e bem protegido, quer ao vento desfalde a bandeira azul e branca, quer reverente e submisso beije a bandeira encarnada e verde.

O impedido, imperturbavel e silencioso, olhava a farda que no braço tinha e na qual reluziam os doirados dos galões de coronel.

O sr. Sarsfield, satisfeito, assobiava a *Portuguesa*.

Mas como tem muito mau ouvido misturava-lhe de vez em quando accordes varios do *Hymno da Carta*.

Anselmo.

ECHOS

Governo

Conta o *Mundo* que por occasião da chamada do sr. Affonso Costa ao poder, alguns monarchicos disseram:

—Ao menos agora vamos ter governo... Sabemos que monarchicos foram.

Foram aquelles que queriam que se constituisse um partido monarchico de combinação com o sr. Affonso Costa, o que era muito *habil*, como diria aquelle antigo ministro a quem nos referimos em outro *echo*.

Em compensação heuve tambem alguns monarchicos que diziam:

—Se Antonio José d'Almeida fizesse governo, a Republica salvava-se.

Eram os que queriam um partido monarchico entendido com o chefe do evolucionismo.

O que o *Mundo* não conta, nem o conta a *Republica*, é o que dizem os monarchicos que não querem entendimentos com republicanos.

E achamos bem que o não digam.

Recomposição

Varios jornaes fallam n'uma recomposição ministerial, sendo o sr. Affonso Costa substituido por um antigo monarchico na pasta das finanças e indo elle para a pasta do interior substituir o sr. Rodrigo Rodrigues, que voltaria para a Penitenciaria.

Não sabemos o que haja de verdadeiro n'esses boatos, mas custa-nos a crer que o sr. Affonso Costa largue assim de mão as finanças.

Acreditamos porem que o sr. Rodrigues esteja ansioso por voltar para a Penitenciaria.

Já o outro dizia... *chassez le naturel, il revient au galop*.

E o *naturel* de Sua Senhoria galopa para a Penitenciaria de onde o expulsou o decreto que o nomeou ministro.

Furadouro

Segundo diz a *Nação* um dos novos vendedores de Lisboa é um Dias, vendedor de pirolitos no Pará, e que foi feito pela Monarchia, visconde do Furadouro.

A *Nação* não gostou que o homem se fizesse republicano e, com boas maneiras, dá-lhe uma desanda.

Desculpe o nosso illustre collega, mas d'esta vez a desanda deve ser na Monarchia que lhe deu o titulo.

Se os governos monarchicos não tivessem dado titulos a todos os cretinos que os pediam, já o homem dos pirolitos pirolitava na vereação de Lisboa sem escandalo de maior.

Cella vaga

Diz o *Dia* que na Penitenciaria ha só uma cella vaga.

E' a do sr. Rodrigo Rodrigues.

Como o nosso illustre collega sabe Sua Senhoria está cumprindo actualmente uma parte da pena no ministerio do interior.

Deploravel

Alguns jornaes fazem grande galhofa das figuras que está fazendo no Senado o sr. Nunes da Matta.

Effectivamente pelo que temos podido avaliar lendo os extractos das sessões d'aquella casa do Parlamento, aquelle senador tem excedido o sr. Philippe da Matta no cultivo das hortas de Calino.

Simplesmente o sr. Filippe da Matta podia fazer as figuras que quizesse, que isso era lá com elle e sua excellentissima familia.

O sr. Nunes da Matta, porem, é official da Armada e cobrindo-se de ridiculo, implicitamente de ridiculo cobre a corporação a que pertence.

Seria pois talvez conveniente que alguns camaradas do senador illustre reclamassem o cingimento ao apoiado regulamentar.

De automovel

O sr. Presidente da Republica atravessou de automovel a avenida principal do cemiterio do Prado do Repouso.

Alguns jornaes protestam contra o facto que classificam de sacrilego.

Nós não protestamos.

Suprehende nos o caso, mas unicamente porque supunhamos que havia um unico portuguez capaz de o praticar: o sr. Bernardino Machado.

Agora, ao que vemos, ha dois.

E' possivel que o numero augmente, e que o facto passe a ser vulgar e acabe por entrar nos habitos do paiz.

Nós lamentamos que isso succeda, porque, emfim, no nosso paiz o respeito pelos mortos ainda era até certo ponto uma compensação para o desprezo pelos vivos.

Paciencia!

Em todo o caso iremos educando os nossos filhos de forma a que elles respeitem os cadaveres, ainda mesmo que estes sejam dos que tenham em vida passeado de automovel por entre os tumulos.

Mario Pinheiro Chagas

Regressou a Paris, ido de Edimburgo, onde fôra encarregado d'um importante serviço judicial, o nosso presado amigo, o sr. dr. Mario Pinheiro Chagas.

Amnistia

O governo regeitou a proposta da amnistia apresentada pelo sr. Machado dos Santos, e lyricamente defendida pelo sr. conselheiro Antonio José d'Almeida.

Entre os oradores que atacaram a proposta houve um que disse ter sido dada a amnistia em seguida ao regicídio por medo.

A affirmação não é bem exacta. Quem deu essa amnistia foi o governo do sr. Ferreira do Amaral e deu-a não por medo d'aquelles com quem estava atraiçoando a monarchia que o fizera presidente de Concelho, mas por se tornar urgente, para trabalhos revolucionarios, que para a liberdade viessem varios republicanos que estavam presos.

Se um dia se puder fazer a verdadeira e minuciosa historia dos acontecimentos passados desde 28 de Janeiro até 10 de Fevereiro de 1908, isto é, se um dia alguém que d'esses acontecimentos tenha inteiro conhecimento, entendendo não valer a pena estar com considerações nem para monarchicos nem para republicanos, puzer tudo em pratos limpos facilmente se patenteará que se por um lado a amnistia se deu por medo, por outro se concedeu por conveniencia da obra de traição que se estava preparando.

O relato de duas sessões havidas n'uma associação secreta com a presença de um delegado que ninguém podia suppor que estivesse em relações com semelhantes associações e a narração de duas, cremos mesmo que tres, conferencias havidas de determinados revolucionarios, ao tempo ainda dos conhecidos e só depois de 3 de Outubro apparecidos declaradamente como tal, com quem no Paço tinha, como se costuma dizer, as suas grandes e pequenas entradas, são elementos preciosos para o apuramento da verdade acerca dos motivos porque foi dada essa amnistia a presos que aliás estavam regaladamente repimpados em confortaveis cadeiras nos calabouços do quartel do Carmo, tendo a servir-lhes os jantares do Tavares alguns officiaes da municipal e recebendo, para o cavaco do café e licores, a visita amavel do commandante da guarda.

Mas agora o que se quer é que acabe de vez a situação em que se está em Portugal, e acabada esta não vale a pena fallar do que lá vae, tanto mais que, se Deus quizer, a Historia de Portugal ha-de dar um salto desde o dia 1 de Fevereiro até ao dia em que n'um energico e nobre despertar o nosso paiz volte á cathogoria de nação civilisada. Quanto á amnistia de agora recusada

pelo governo com ares de quem tem segura e firme a Republica, a verdade é que não foi dada por medo.

Ao governo não convem que por esse paiz, regressando ás suas terras, se espalhem todos aquelles que elle conserva nas prisões, e que pela narração pura e simples do que passaram nas prisões, seriam, até mesmo involuntaria e inconscientemente, os mais poderosos e mais elequentes propagandistas do despertar d'um povo que em toda a gente vê um carbonario e que no carbonario julga ver uma força mysteriosa e formidavel.

A pimponice, pois, do governo recusando a amnistia, não é nem mais nem menos do que medo, um medo pavoroso, como o lyrismo do sr. conselheiro Antonio José d'Almeida ao insistir por ella não é mais do que um capitulo d'aquella romantica propaganda que certos cavalheiros andam fazendo junto de alguns monarchicos a convencer-os de que o chefe do evolucionismo é um homem de bem e de alto valor.

Como se para se ser homem de bem bastasse que os amigos o espalhassem que o é, e como se para se ser um homem de alto valor fosse bastante o ter estado n'um sanatorio elevado com um suizo eminente.

Duas cartas

A sr.ª D. Constança Telles da Gama dirigida ao juiz auditor dos Tribunaes Marciezes de Lisboa, a proposito do seu interrogatorio, duas notabilissimas cartas que varios jornaes já publicaram e que nós não reproduzimos por só d'ellas termos tido conhecimento muito tarde.

Brevemente prestaremos aqui a homenagem do nosso respeito e da nossa admiração á illustre senhora que pela mascula firmeza do seu caracter, pela altissima nobreza dos seus sentimentos e pelo honrado desassombro das suas palavras merece bem ser citada como um exemplo n'um paiz como é hoje Portugal.

Esquecia-nos dizer que essa illustre senhora vae ser julgada por um tribunal presidido pelo sr. Sarsfield e constituído por officiaes do exercito portuguez.

Protestos

O nosso illustre collega, *Os Ridiculos*, que muito prazer temos em saudar pela intransigencia com que tem mantido na Republica precisamente a mesma attitude e o mesmo desassombro de sempre, conta que em Torres Vedras se fez uma procissão de parodia com marianjolas vestidos de padres, alguns d'elles com habitos roubados no convento de Barro, e levando um, a fingir de estola, a cilha de um burro.

A cousa parece que fez escandalo e varias pessoas protestaram contra o attentado... em cartas escriptas aos jornaes.

O protesto parece-nos platonico, tanto mais que provavelmente os farçantes da parodia não sabem ler.

Mas em Portugal os protestos resumem-se sempre a isso: a cartas para os jornaes, e em geral para que o protestante se dê o prazer de ver o seu nome em letras redondas.

Pois se o paiz istá n'isto... que se lhe ha-de fazer?

E' religioso?... E'... mas contra os vexames e attentados á religião protesta... em cartas aos jornaes como em epistolas protesta contra tudo que lhe façam de mau.

E ainda assim protesta em cartas para os jornaes, enquanto os carbonarios o não prohibirem.

Porque se o prohibirem o paiz passa a protestar em casa em voz baixa e com as portas bem fechadas.

O heroico Portugal!...

Protesta a *Nação*, protesta o *Dia* e não sabemos se protesta tambem a *Republica*, mas é natural que sim, contra o facto de ter sido demittido, de uma qualquer commissão que desempenhava, um official do exercito, cuja esposa se não levantára da sua cadeira n'um theatro de Lisboa, quando a orchestra executou a *Portuguesa*.

Nós protestamos tambem.

Mas não protestamos contra a demissão do official.

Protestamos, sim, e energicamente contra o facto de não terem sido dados immediatamente a essa senhora os galões de official do exercito.

Com effeito, de duas uma! ou essa senhora é monarchica, e então teve uma coragem que merece servir de exemplo a officiaes que apoz o 3 de Outubro não ousaram manifestar de qualquer forma as suas convicções; ou essa senhora é republicana e não se levantando ao ouvir a *Portuguesa* mostraram apenas que não estava para maçadas, e n'esse caso deu provas d'um commodismo, que é bem o symbolo dos que em 5 de Outubro não defenderam o regimen que tinham o dever de defender, e que o não fizeram justamente por não estarem para maçadas.

E dizemos que por não estarem para maçadas, pois consideramos injustas as causas que á inação do exercito n'esse dia se attribuem pelo estrangeiro em revistas do anno.

Regeneração

O sr. Rodrigo Rodrigues, carcereiro em commissão no ministerio do reino, fez na Imprensa Nacional uma conferencia sobre o problema da regeneração dos criminosos, no decorrer da qual disse o seguinte que convem archivar por ser dito pela creaturinha que occupa o logar de ministro do Interior na Republica:

—Entre nós, recentemente, dois homens, interpretando quicá o sentimento da justiça colectiva, executaram em plena praça publica quem representava a opressão e a tirania. Para nós elles são dignos de admiração e, derrubado o formalismo que ainda tanto impêra na sociedade portugueza, ella reconhecerá n'esses homens verdadeiros heroes, dignos filhos da Patria Portugueza.

Pronunciando estas palavras o sr. Rodrigo Rodrigues, conhecido entre os presos da Penitenciaria pelo *Rodrigo torcionario*, demonstrou muito melhor que em todo o resto da sua conferencia que está ainda sem solução o problema da regeneração do criminoso.

Biographia

O sr. Silva Passos está publicando uma serie de pamphletos que intitula o *Cadastro*, titulo que achamos excellente visto n'esse pamphleto se fazer a biographia de varios vultos da Republica, que o sr. Silva Passos desanca com a autoridade que lhe dá o conhecimento intimo que tem da maior parte d'essas creaturas, com as quaes lidou nos tempos da propaganda republicana.

N'um dos seus ultimos numeros insere essa publicação o cadastro, perdão... a biographia do sr. Antonio Maria da Silva, actual ministro do fomento, soccado ha pouco por alguns operarios, e director dos Correios e Telegraphos.

O cadastro... perdão... a biographia do sr. Silva é interessante.

Em tempos idos foi progressista, e só deixou de ser quando as suas convicções se sentiram profundamente abaladas pela offerta d'um logar de administrador de concelho, offerta que elle aceitou passando a administrar o concelho de Redondo d'uma forma tão brilhante que pouco depois era condemnado a dois annos de prisão por burla eleitoral.

Foi amnistiado, é claro, o que, segundo parece, tanto o indignou que se resolveu a entrar no unico partido em Portugal incapaz de dar uma amnistia politica embora seja capacissimo de dar uma amnistia que envolva criminosos communs, por exemplo: incendiarios.

Metteu-se então nas associações secretas, e segundo conta o sr. Machado dos Santos, esse periodo da sua vida foi uma delicia para a sua lavadeira que nunca tinha tido freguez tão bom e tão... tão... isso mesmo. Feita a revolução foi nomeado director dos Correios. Segundo já se disse em publico por essa occasião metteu-se de novo em cousas secretas, isto é, tornou a ser bom freguez para a lavadeira.

Agora está ministro do fomento e já apanhou dois ou tres soccos d'um operario sem trabalho.

Não conta o sr. Silva Passos mais nada de interessante sobre o homem.

Comtudo ha um traço que seria indesculpavel não passar á Historia com o resto do cadastro do sr. Silva.

E' este: O sr. Antonio Maria da Silva é um homem pequenino, mesmo muito pequenino.

Pois bem. Sendo pequenino não é danarino. Tem até um profundo horror á dança. Seria uma pena que este pormenor ficasse ignorado.

Gordura e magreza

A *Patria*, que se diz um jornal serio que nós acreditamos unicamente porque nunca a vimos rir, declara que o seu director nada tem a responder no jornal a quem o ataca por ser gordo, e acrescenta que se alguém o quizer increpar por esse grande e horrivel crime o faça directa e pessoalmente em termos de poder receber, acto continuo, a devida resposta.

Vemos o director da *Patria* tão teso que, embora nunca tivesse perdido tempo a atacar pela gordura de seu corpo quem é tão magrinho de espirito, nos apressamos bastante tremulos, a declarar que jamais nos atreveremos a accusar de gordo o sr. Gestevão de Vasconcellos, — que é assim que elle escreve o seu nome, — comquanto, como contribuintes, tenhamos o direito de o fazer visto que Sua Senhoria tem engordado á cus-

ta do paiz, que é quem lhe paga, sem d'elle receber compensação valiosa, os bifes com que se atafalha e a cerveja com que se abarriça.

Com homens tão tesos não queremos complicações.

Preferimos tel-as com o sr. João de Menezes y Valbuena. Com esse ao menos liquidam-se as questões n'um apice. Faz-se um ligeiro gesto de ameaça e elle... zás!... cae logo para a banda com um ataque de nervos.

E' muito commodo, muito rapido e muito... barato, porque a agua de flor de laranja está, como se sabe, pela hora da morte.

Poder judicial

Um órgão democratico affirma peremptoria e enfurecidamente que a circular do sr. ministro da justiça não ataca a independencia do poder judicial.

Estamos de accordo... Nós estamos sempre de accordo com os jornaes democraticos.

Effectivamente uma circular não ataca a independencia do poder judicial, pela muito simples razão de que essa independencia já de facto desaparecera quando a circular foi publicada.

E desaparecera no dia em que nos tribunaes a multidão, acirrada pelos jornaes republicanos, começou agredindo jurados, advogados, testemunhas, etc., que nos tribunaes não procediam como a essa multidão e a esses jornaes agradava ou convinha.

Desde esse dia os juizes começaram julgando com a consciencia... de que apanhariam uma coça se não dessem as sentenças no sentido que o *Mundo* e outros jornaes da mesma laia a indicavam.

Ficou desde então o poder judicial dependente da imprensa, isto é, ficou um poder dependente de uma impotencia.

Folhetos

Segundo vemos em alguns jornaes o sr. Paulo Osorio protestou indignado contra os monarchicos a quem parece attribuir a paternidade de um folheto que elle diz ter sido vendido nas ruas de Paris e no qual se appella para a intervenção da Hespanha na questão portugueza.

Não vimos tal folheto, nem sabemos quem seja o seu author, mas por logicas deducções somos levados a crer que não será o usado suppor que tal folheto ou é do sr. Paulo Osorio ou é do sr. Magalhães Lima.

O sr. Paulo Osorio é correspondente em Paris do *Seculo* e do *Dia*.

Está portanto pago para escrever ao sabor do publico republicano do jornal do sr. Silva Graça e ao sabor do publico monarchico do jornal do sr. Moreira de Almeida. Porque não ha-de estar também pago para escrever também ao sabor do publico hespanhol, unico a quem pode agradar, unico que pode desejar, que a Hespanha intervenha em Portugal?

O sr. Magalhães Lima, quando estava no poder o partido regenerador liberal, enviou a importantes individualidades estrangeiras uma circular em que lhes perguntava se não era chegada a occasião das potencias intervirem nos negocios internos portuguezes.

Porque não ha-de ser o sr. Magalhães Lima, quem, — despeitado com a Republica que o não fez presidente como elle queria, nem lhe deu a legação em Paris, com o que elle já se contentava, — fez o tal folheto em que se pede a intervenção de Affonso XIII nos negocios internos de Portugal, pedindo este que na pessoa que o fez, além de tudo o mais, denota, dada a subida ao poder do sr. Teixeira de Souza, perdão... do sr. Romanones, uma ignorancia e uma patética tremendas?

Mas é curioso que o sr. Paulo Osorio tanto se tendo indignado com o tal folheto, se não lembrasse de dar ao publico as indicações necessarias para mais alguma coisa se saber de que é e de quem é tal folheto, indicações que se poderiam resumir em dizer: como se intitula o folheto, que nomes figuram n'elle, em que typographia foi impresso?

E' pena que o não tivesse feito, pois assim toda a gente tem o direito de suppor que se trata do sr. Paulo Osorio para ser agradável ao seu publico republicano no *Seculo*, e que elle proprio a inventou para a poder desmentir procurando ser assim agradável ao seu publico monarchico no *Dia*.

Quanto a nós, não vimos tal folheto, mas se elle existe era favor fornecer-nos um exemplar para vermos se a sua prosa é um pouco superior áquella em que os republicanos preconisavam a união iberica.

Historia antiga

Um jornal republicano vae buscar aos artigos de Navarro e de Marianno de Carvalho trechos de violentos ataques á Monarchia.

O *truc* é infantil. Não discutimos se a Monarchia era boa ou se era má.

O que simplesmente recordamos é que

depois d'esses ataques que o jornal republicano transcreve, Marianno e Navarro não achavam a Monarchia tão má, tão má, que não tivessem muito prazer em ser seus ministros e em d'eilla acceitarem o primeiro o lugar de commissario regio em Moçambique e o segundo o lugar de ministro em Paris.

Mas se o jornal em questão transcreve os ataques de Navarro e de Marianno á Monarchia, porque não transcreve também os perfis que d'esses dois politicos publicaram então os jornaes republicanos?

A cousa ficaria assim mais perfeita.

Timor

A Loja Solidarieidade, trez pontinhos em triangulo, estabelecimento da venda a retalho de miudezas maçonicas, intimou o governo a vender Timor.

Achamos justo.

A Republica não está muito segura e já o outro dizia *poupe-se ao boi a vista do malho*.

Respeitos

Diz o *Socialista* que para elle tão digna de respeito é uma Rainha como a mais humilde mul' er do povo.

Olhe, illustre collega, tão digna de respeito é uma mulher... respeitavel como qualquer outra mu her que respeitavel seja, já o nosso amigo e illustre membro do partido evolucionista, o sr. Banana, o disse e ainda ninguém o contestou.

Em todo o caso entre uma Rainha e uma mulher do povo, quando se trata de Portugal, ha uma differença já averiguada, e essa differença é a de que uma Rainha é injuriada sem que ninguém a defenda, e uma mulher do povo encontra sempre quem puxe de um cacete e a defenda.

E' triste dizel-o, mas já se averiguou que em Portugal é assim.

Dê-nos pois o *Socialista* licença que consideremos mais digna de respeito uma Rainha, quando mais não seja senão por não ter quem a defenda pela melhor maneira de defender alguém: a *cacete*.

Livros, folhetos e revistas

Carta aberta ao sr. Presidente da Republica: — Também recebemos esta *Carta Aberta* fechada n'um sobres-ripto.

E' assignado por *Ninguém*.

Ninguém é alguém.

Mas alguém nunca foi toda a gente. Por isso apesar de castigamente escripta, a *Carta Aberta* tem um defeito: é suppor-se procurador universal de todos os perseguidos da republica para afirmar gratidão unanime ao Presidente.

Pela nossa parte protestamos. O Presidente da Republica se fosse o que *Ninguém* lhe concede — bom, elemento, justo, e intelligentemente politico —, ou mesmo sem ser nada d'isto, se fosse apenas sincero não teria escripto ao sr. Duarte Leite a lembrar-lhe a amnistia. Dava-a porque estava isso nas suas prerogativas de chefe do Estado.

Se lh'o não permitissem devia ter feito o mesmo que se lhe impunha depois da resposta do sr. Duarte Leite: demittir-se.

Se as razões d'Estado podem muito, a sinceridade e a honra obriga a muito mais.

A *Ninguém* é que pessoa alguma declaradamente monarchica obrigaria a rojar a gratidão aos pés presidenciaes.

Legislação da Republica Portugueza: — A Bibliotheca Popular de Legislação, empreza juridica de Lisboa, está publicando a Legislação da Republica Portugueza.

A febre legisliera da Republica é tal que não ha rotativa que possa acompanhar-a.

O mais curioso é que a Legislação republicana é assignada nos «Paços»... do governo.

O sr. Affonso Costa lá sabe porque conservou a denominação de «Paço» á casa do Presidente. Mas Affonso Costa já foi do Directorio, é Primeiro Ministro (o que póde equivaler a Primeiro Consul); falta-lhe só ser ministro... vitalicio, e depois Imperador.

Não valia a pena, na verdade, deixar de chamar Paço ao predio onde ha-de residir o Imperador...

O *Syndicalista*: — No numero 113 d'este semanario, defensor da classe trabalhadora, e de que é redactor-principal o sr. Alexandre Vieira, vem publicado o *Manifesto Syndicalista* em resposta á famosa conferencia do sr. Affonso Costa.

Documento claro, serve a sua doutrina concreta n'uma forma accessivel até ás creanças d'escola.

Nós iríamos, porém, apostar que ha *estadistas* que, mesmo depois de lerem o *manifesto syndicalista*, continuarão a ignorar o que é a doutrina economica chamada — *Syndicalismo*.

Se fosse um cathecismo politico, não haveria politico joven-turco que não se tratasse por tu com o syndicalismo; mas o syndicalismo é o partido dos productores...

A MÃO DO DESTINO

Entrevista com Madame de Thèbes

Eu parecia que adivinhava quando lhes disse que, tanto podendo uma entrevista durar dez minutos como uma hora, era melhor não esperarem que eu sahisse de casa de Madame de Thèbes.

Essa entrevista levou uma hora. E, sem lisonja, não nos pareceu longa essa hora.

Passando do salão ao pequeno gabinete de trabalho — o laboratorio, dir-se-ia em velha linguagem de magia — que é contiguo, Madame de Thèbes tomou o lugar principal a uma meza e indicou-nos uma poltrona, aconchegada ao angulo formada pela dita meza e pela parede.

Em frente de nós, o fogão consumia vermelhidões, e o espelho reflectia a suspensão da lampada electrica. A' nossa esquerda, uma janella, que deita para a rua; enviezada uma secretária onde visivelmente é feito o *Almanach de Madame de Thèbes*: á direita, desde o fogão á outra porta que serve o corredor, uma estante preta, com armarios de portas moçissas na base, o cimo envidraçado a abarrotar de volumes, na maior parte encadernados.

Na pedra do fogão, nas mezas, no chão, lótes de livros, provando o diario alargamento da bibliotheca.

— Então que quer de mim? interpellou depois de se installar e nos ver installados, a decana, fixando-nos com a sua pupilla voluntariosa.

— Uma entrevista — (*E para que Madame de Thèbes não supozesse que aproveitariamos surrateiramente o ensejo para escoldrinharmos o nosso roteiro fatidico, deixámo-nos ficar de luvvas calçadas*). — O seu processo de trabalho? Aonde vae buscar as suas prophécias? A um estado psychico especial, a...

— Isto, meu caro senhor, é um dom. Se lhe dissesse que não tenho trabalhado, estudado, desenvolvido esse dom, não lhe diria a verdade. Tenho lido muito, observado muitissimo, como um musico ou um pintor, nascidos com o dom especial da harmonia ou da gamma, procurarão desenvolver esse talento natural... de herança divina (*completou Madame de Thèbes lançando ao tecto do seu entresólo um olhar de extasis*). Mas sem esse dom, eu não seria a Madame de Thèbes que, sem falsas modestias, todo o mundo conhece.

— Vale-se do estudo da physionomia, para as suas prophécias individuaes?

— Nunca! a physionomia é uma mascara, os traços do rosto são caracterisações da dissimulação. A mão, apenas a mão...

E n'um metal de voz, acostumada a infiltrar suggestões, n'um diapasão feito para o pavor ou para a esperanza, um martelar imponente de inspirada, Madame de Thèbes expõe:

— Uma physionomia arranja-se; os traços da mão são immutaveis, e, por isso mesmo, infalliveis. Deus, ao dar-nos a vida, entrega-nos nos sulcos da mão o cifrante do nosso destino. A nossa mão é a nossa carta roteira. (*E Madame de Thèbes repete, em profundo, arredondando os rr: Carte routière!*...) Se se dirigir a dois homens, propondo-lhes um negocio, fazendo-lhe um pedido, não falle, ao que tiver as cabeças dos dedos largas, da mesma maneira que ao que tiver as cabeças dos dedos afusadas. São dois caracteres diversos. A mão diz tudo. Tudo...

menos os accidentes. Assim, a sua mão não lhe vaticinará uma *grippe*. E' um accidente, culpa sua e não vontade de Deus. Não lhe prophetisará o divorcio: porque Deus não instituiu o casamento. A Igreja, e acho que fez muito bem,

creou o casamento, a familia, base da sociedade. Deus apenas prégou: crescei e multiplicae-vos, ide e enchei a terra! (*Repetiu, com a sua melhor voz de apostolo, Madame de Thèbes*). O casamento e o divorcio não podem, pois, estar escriptos na sua mão. Mas está escripta a tuberculose, estão escriptas as doencas, as ambições, a colera, a faculdade de amar. Tenho-me farto de estudar nos hospitaes as mãos dos enfermos, e...

— E póde estabelecer uma lei?

— Sim, senhor.

— E' experimentalismo.

— E' sciencia, da mais subtil e da mais provada. Porque, peço-lhe que repare bem n'isto: eu não sou vidente — eu sou chi-ro-man-te!

— Pelo que me diz a chiromancia é um capitulo da anthropometria. Madame de Thèbes e o sr. Bertillon trabalham o mesmo processo.

— E' como diz: a anthropometria é um capitulo da chiromancia! (*gritou, emendando ufanamente, Madame de Thèbes*). A mão do arrebatado não é igual á mão do sereno, a mão do typhoso é bem differente da mão do que morre de angina-pectoris. A chiromancia é uma sciencia da antiguidade. Os livros sagrados citam-a. E, não será para os meus nem para os seus dias, mas n'um futuro não muito remoto, ensinar-se-ha, nas escolas, a chiromancia, como a dactylographia já hoje faz parte da boa educação. A chiromancia permittirá ao homem defender-se do seu semelhante, e a este defender-se de si proprio. Porque nós nascemos com uma predestinação: podemos cumpri-la inteiramente, poderá voltar amanhã a nossa alma n'outro corpo, a acabar o roteiro. (*E madame de Thèbes desvolve a conhecida sobreposição dos espiritos*).

— Vi no seu salão as mãos de Dumas. Estudou-as no molde ou...

— Dumas, Filho era meu padrinho. Devo-lhe a minha educação litteraria...

— E a mão d'elle?

— Magnifica! Dumas, Filho, como valor era o que se sabe; bondade e coração eguaes senão superiores ao seu talento! Criei-me com elle, a sua mão é um dos exemplares mais perfeitos que a chiromancia tem estudado.

A mão do Rei Fernando da Bulgaria

— Disse-me que a mão não continha todo o resumo fatidico d'uma vida. Mas Madame de Thèbes adivinha? Tem adivinhado, collectivamente, mesmo.

— Sim, tenho. Eu previ a guerra dos Balkans. Não adivinho: advirto!

— Em que se fundou a sua prophécia?

Madame de Thèbes pousou ao lado das outras, a lente com que brincava distrahidamente, despregou os labios, suspendeu o busto, e narrou:

— Como sabe, aqui a minha casa vem gente de todo o mundo. Ninguém passa em Paris, sem dizer: «*Deixa-me ir ver Madame de Thèbes!*» (*E Madame de Thèbes atirou os hombros, enfastiada d'esta verdade*) Mesmo testas coroadas! (*E o seu olhar cerrou a cortina da discreção*) Ora, muito bem. (*E Madame de Thèbes pousou as palmas das mãos nos angulos superiores da meza*). Se pelos olhos me passam diariamente mãos de hespanhões ou de portuguezes, e eu nóto n'essas mãos signaes de revolta, digo: «*Lá-em-baixo vae haver uma revolução!*» Eu previ a revolução portugueza. Assim previ os Balkans. Eu conhecia, de me consultarem, mãos de servios, mãos de turcos,

mãos montenegrinas, mãos bulgaras, (e descendo a voz) até a mão de Fernando. Oh! conheço Fernando! Sabia que era um ambicioso, que não ficaria ali. E como as mãos balticas acusavam perturbação, revolta, eu não tive dificuldade em prever a guerra. Ah! a tem!

E Madame de Thèbes apontou para o exterior, como quem descerra um reposteiro para introduzir uma personagem annunciada.

—E a guerra européa? Ha ou não ha guerra?

—A guerra? a guerra...

E Madame de Thèbes ergueu-se, as prégas do vestido de velludo negro desfizeram-se como as encorilhas d'uma duvida; a sua fronte bourbonica, prestigiada por cabellos de prata oxydada, avançou, e Madame de Thèbes descarregou a ampulheta do vaticinio:

—...A guerra é para este anno... se a não souberem evitar. Assim como nós podemos aggravar ou attenuar o nosso destino, assim a Europa póde, se tiver tacto, affastar esse horror! Mas se não houver muito tacto, muito juizo, a guerra estalará!

Plênamente convencidos de que póde haver guerra e póde não haver guerra, exclamámos:

—Na mão do destino lê...

—A chiromante! concluiu Madame de Thèbes. E a seguir:—Ora deixe-me vér a sua mão.

Descalçamos, então, uma luva, estendemos a palma da mão direita como queria a palmatoria do nosso professor de instrucção primaria.

Madame de Thèbes sentou-se, escolheu uma das tres lentes, baixou a suspensão electrica, ageitou a cadeira, debruçou-se sobre a minha epiderme palmar, e foi examinando; depois quiz ver o dorso, observou as pontas dos dedos, voltou á face da mão, reclamou a esquerda.

No meio do seu exame e prophcias, Madame de Thèbes, começando por me annunciar que eu não poderia exclamar o «*Bem dizia Madame de Thèbes!*», predisse:

—Já não é para o seu tempo nem para o meu! mas dentro de um ou dois seculos, não haverá no mundo um thrôno.

E sobre este alegrão para os paladares jacobinos, Madame de Thèbes piedosamente consolou a outra metade do género humano:

—Mas!... seculos após, tudo voltará a reger-se pelos systemas monarchicos. Não será nos nossos dias, mas sê-lo-ha!... Isto é um circulo, é um circulo, olhe!

E o seu dedo indicador rodopiava, mostrando as voltas que o mundo dá.

Acreditei n'esta prophcia; apenas recusei a clausula de que não será para os nossos dias. E a prova de que tinha razão é que ás mais modernas republicas não dá Madame de Thèbes seculos de vida, pois tendo tornado a examinar a minha mão, sentenciou:

—Não o seduz a politica, mas não se libertará mais d'ella. Regressará a Portugal d'aqui a...

O resto não digo. Seria roubar Madame de Thèbes, e trahir os restauradores, fornecendo esta data aos carbonarios.

Joaquim Leitão.

Politica e religião

Em questões de doutrinas politicas e religiosas, teem os republicanos do nosso paiz a doce mania d'imaginar-se detentores privilegiados da pedra philosophal, authentica e indiscutivel.

E lá dos cumes do supposto Olympo, onde tomaram seguro assento, fulminam, com desdens de capêlo e borla, quem quer que se lembre de sustentar principios diversos dos seus.

Tem graça. E' verdade que essas attitudes de sciencia certa poderiam ás vezes confundir-se com o atrevimento da ignorancia.

Mas não, pois que, do lado, acóde logo o cinematographo da vida nacional, a metter-nos pelos olhos dentro a efficiencia pratica do Espirito Novo, e a competencia inexcedivel dos seus apóstolos e exagetas.

Não sei se os leitores se recordam da «Allegoria da Caverna» contada por Platão: Nasceram certos infelizes nas cadeias de um antro subterraneo, presos por fóma que o rosto se lhe mantinha virado para a parede do fundo. Illumina-os uma fogueira accessa no corredor de entrada. Entre a fogueira e os prisioneiros, ha movimento, e ha ruido. Mas elles, que só veem as sombras, tomam-n'as convictamente pelas unicas realidades.

Um dos pobres é transportado de dentro da gruta negra, para as transparencias esplendorosas de um sol sem nuvens.

O deslumbramento fecha-lhe os olhos, e a imaginação conserva-lhe de pé os fantasmas da sua crença anterior.

Só depois começa, a pouco e pouco, a aperceber-se das novas realidades.

Desce outra vez á caverna. Os seus companheiros estão discutindo os accionados das sombras, e perguntam-lhe a sua opinião. Nada responde com acerto, porque a obscuridade o impede de ver. E os outros riem-se, e deixam-n'o, julgando-o dementado, ou cego, por effeito da viagem. Determinam, por consequencia, nunca mais sahir d'alli, e lutar mesmo, até ás ultimas, contra quem lhes surja com proposito de conduzil-os para os lados da luz.

E lá ficaram, vendo a verdade na sombra das suas illusões.

E' facto que esta fabula, onde se põe em fóca a fragilidade dos conceitos humanos, tem vinte e tres seculos e meio d'idade. Antiga, não ha duvida.

Depois d'isso avançou-se muito, principalmente cá na republica d'este extremo occidente europeu. Toma-se o follego, um momento agora, no patamar do «Crê ou morres». Questão de balanço para vãos novos.

Ha retardatarios, todavia, a pegarem-se ainda ás velhas baldas do argumento.

E' o que nos acontece.

Cá vamos, pois, continuando, dos artigos anteriores, a expôr algumas das razões doutrinarias, que justificam a opposição á actual republica portugueza.

Segundo a nossa theoria, «Patria Super Omnia», entende-se que o melhoramento moral e material de um Paiz depende, fundamentalmente, do «Trabalho» e do «Estimulo do Trabalho», e portanto da «Propriedade particular», e da «Transmissão familiar da Propriedade particular».

Segundo a theoria republicana, «Individuo Super Omnia», tem-se em vista, acima de tudo, a Liberdade, quer dizer, o Direito de cada um a exirmir-se a Sujeições, — e a Igualdade, isto é, o Direito de cada um a não ter Superiores.

Nem Superiores Divinos. E por isso os intellectuaes da Associação do Registo Civil lá inscreveram, na bandeira das suas escolas, a diviza «Sem Deus, Sem Religião».

Nem Superiores humanos. E, por-

tanto, abaixo a propriedade particular, visto que envolve uma proeminencia social.

E, portanto, promulgue-se a Lei da Contribuição Predial, de 15 de Fevereiro corrente, como primeiro passo para a expropriação, enquanto se preparam os seguintes.

Substitue-se, emfim, a propriedade particular, pela propriedade social, ou collectiva. E temos o «Collectivismo», ou os «Proprietarios Detentores», conforme diz o actual Presidente do Governo.

Mas como o Collectivismo, além das difficuldades inherentes á distribuição artificial da riqueza, implica falta d'Estimulo de Trabalho, e portanto produção restricta e rotineira, e a fraqueza, que d'ahi deriva, para a Nação que o adopte, em relação a outras que o não adoptem, resulta que a effectivação da ideia collectivista arrasta consigo a ideia connexa, e imprescindivel, de collocar todos os Paizes em condições identicas, ou, o que é o mesmo, a ideia do apagamento de fronteiras, e suppressão de Patrias, e implicitamente o Internacionalismo e o Anti-militarismo. Conhece-se o exercito-civico, ou milicias, como transição, e as ideias publicadas do Presidente do primeiro governo da republica, e d'outros próceres da dirigencia democratico-maçonica.

Tudo isto forma systema solidario, que se liga, como élos de uma cadeia, descendo, logicamente concatenado, e deduzido, desde o principio do «Individuo Super Omnia», fundamento do regimen republicano, até ao accrescimento da criminalidade, á lucta de classes, á indisciplina, á deserção, á sabotagem dos instrumentos de defeza, e ao enfraquecimento correlativo perante o inimigo externo, verificados no campo experimental da França, conforme irrefutavelmente o attestam os factos, as estatisticas, as actas das sessões das Camaras, e as referencias da propria imprensa democratica.

E um dos signaes de que os olhos publicos se vão emfim abrindo, sobre a evidencia dos males, é a recente eleição Poincaré, que representa a primeira volta do leme para o bombordo do juizo. Conversão preliminar, prenuncio, por ventura, d'outras conversões mais decisivas.

Depois de vencida a França em Sédan, conta-se que Bismarck dissera que a sua gnerra, d'ora avante, seria contra Luiz XIV, entendendo-se por Luiz XIV o velho regimen francez, monarchico — corporativo, unitario, e forte, em contraposição com o regimen republicano, eleicoeiro, flacido, centrifugo, e sujeito a todas as taras annexas do demagogismo dissolvente. E sejam quaes forem as causas, é certo que o desenvolvimento posterior da politica interna em França se conformou bastante com esses designios do Chanceller de Ferro.

Mas o povo francez, altamente intelligente e patriótico, no meio dos seus defeitos, começa a entrar dentro de si mesmo, e a cotação do vermelhismo radical vae entrando declaradamente no caminho do descredito.

Não. Que o mundo afinal não se governa com utopias conduzindo em linha recta á perversão dos costumes, á dissolução social, e á quebra das energias organizadas, ante-camara fatal da servidão sob o jugo externo.

E mal dos Povos que assim o não entendam.

Em Portugal, todavia, a obra da destruição segue triumphante, com uma petulancia governamental só excedida, em proporções, pela incomensuravel passividade do publico que a supporta. Em menos de tres annos, fez a succursal portugueza do sectarismo internacional, o que a Casa-Mãe franceza não fez em trinta annos.

O luso «team» bate o «record», ninguém com justiça póde contestal-o. Em topete, e em fereza, temos atletas. Está provado.

A «Albarda, real Senhor» da antiga

rhetorica opposicionista, acabou, finalmente, por chegar, — palpavel, corporea, effectiva. Pediram-n'a ao Rei, mas é a Republica, mais generosa, quem n'a dá. E quem dá é Pae.

Agradeçam, e gozem.

E deixem correr que a vida é curta. D'ahi já lavámos as mãos. Quando vier o ajuste de contas, cada qual tomará a sua parte.

Porque «as cousas não veem das cousas, mas dos homens», como diz Kipling.

«For man is man, and master of his fate».

«Porque o homem é homem, e senhor do seu destino», como canta o verso de Tennyson.

Henrique de Paiva Couceiro.

DEMOCRACIA

V

A formula magica da democracia — governo do povo, exercido pelo povo e em beneficio do povo — tem de ser apreciada tendo-se sempre bem presente ao espirito, que tanto quem a usa como quem com ella se regosija, sabe muito bem embora o não confesse, que n'aquelle caso povo não significa a população inteira mas tão somente uma parte d'essa população em opposição ás outras fracções que com tal parte formam o aggregado nacional. Nem poderia significar outra cousa visto que, em desenvolvimento da sua ideia, os proprios democraticos nos dizem que querem conferir effectivo e directo poder na governação do Estado ao povo e nos explicam que por povo se deve entender a maioria democratica.

Um rapido exame do que terá de ser essa maioria mostranol-a composta, necessariamente, por aquelles dos membros da população que, como individuos, mais por completo careçam de quaesquer talentos e competencias para abranger, para estudar, para digerir intellectualmente, para conceber, para emprehender e para levar a cabo — seja o que fór. Esta conclusão final, derivada da analyse da formula mais nitidamente exposta pelos democraticos e que é a unica rigorosamente correspondente ao termo democracia, leva-nos a uma solução palpavelmente absurda; mas, em honesta discussão, não pode ser evitada.

Para recapitular lembrem-se os modernos democraticos proclamam a fallencia dos systemas de governo vigentes na actualidade em quaesquer paizes, incluídos aquelles cujos regimens são considerados como mais razoavelmente expressivos da vontade nacional; que advogam a substituição de todos e de cada um d'esses systemas pela acção directa da população; e que cortam o nó gordio apertado pela impossibilidade de se attender simultaneamente ao querer diverso dos milhões de seres componentes de uma nacionalidade, conferindo o poder á maioria. Só se furtam os demagogos a descrever a composição de tal maioria. E foi essa ommissão que, em completa boa fé, se procurou supprir demonstrando-se que, na inexequibilidade d'ella ser obtida por colossal sorteio haverá, para a constituir, que buscar-se alguma característica commum á maior parte dos individuos componentes de uma nacionalidade e que essa feição geral, mesmo por definição da sua generalidade, terá de excluir todos aquelles que sejam dotados de facultades excepcionaes, de talentos e de qualidades, que as elevem acima da indiscutivel mediocridade da massa geral.

Falta-nos aqui á mão democrata authentico, historico como parece que preferem ser designados, com quem posamos discutir; e a distancia a que nos encontramos de Portugal torna-nos impossivel seguir a linha de conducta, que n'outras circumstancias preferiamos, de estabelecer polemica aberta com alter-

PERFUMARIA FINA

PRAÇA DE D. PEDRO, 101

LISBOA

RECEBEU novo sortimento de essencias finas para o lenço e banho, sabonetes e pós de arroz finissimos, boa agua de Colonia Florida e preparados garantidos para o cabelo, dando a côr natural; sortimento de elixires, pasta, pós dentrificos.

nação de argumentos. Assim, tendo de antecipar os topicos da refutação adversa, examinaremos agora a allegação, que acaso pretenderão oppor-nos, de que a democracia não pretende excluir a minoria dos talentosos de participar na gestão dos negocios nacionaes, satisfazendo-se apenas com que ella não volte a deter o poder em suas mãos. Levada tal proposição ao seu logico extremo, importa ella que nenhum dos membros d'essa minoria, por maiores que sejam as suas faculdades, possa como um individuo possuir maior influencia e exercer maior somma de poder do que aquella influencia e aquelle poder que qualquer pessoa da maioria possuir e exercer, por menores que, por seu lado, sejam os dotes d'essa creatura. Como maneira de concretisar a sua concessão, mas de simultaneamente manter a limitação que tem de acompanhar para que o mytho não caia logo por terra, a democracia apontará um dos mais vistosos numeros do seu incoherente programma: o suffragio universal.

Mas este pilar do portico democratico está tão falsamente assente como o anterior e como os que seguidamente serão submettidos á prova da critica elementar. Segundo a doutrina infallivel da pura democracia, nenhum cidadão por maiores e melhores que sejam as suas aptidões pessoais, deve poder exercelas em maior grau do que aquelle expoente de farça *x* que seja accessivel a qualquer membro da maioria. Ora como eleição significa escolha e escolha importa preferencia o voto, sob o lidimo criterio democratico, deve representar uma reliquia do barbaro passado oligarchico e o suffragio, longe de ser uma operação consentanea com a doutrina, deve merecer, como machina para assignalamento de desigualdades, todos aquelles apodos amenos que o bom democrata se julga na obrigação de prodigalisar contra as theorias politicas que o seu credo não comporte.

Mas ha mais heterodoxia no voto. Eleição significa delegação de poder. A eleição de um só por muitos corresponde á concentração dos poderes d'estes na personalidade d'aquelle. Logo, o suffragio, parcial ou universal, vae directamente de encontro á premissa basilar que estabelece a perfeita egualdade de influencia e de poder politico entre todos os cidadãos.

Nem se pretenda que o eleito comparecerá na assembleia como simples mandatario dos eleitores: á uma, porque é inconcebivel que milhares d'estes tenham precisamente as mesmas vistas e opiniões individuaes sobre todos os assumptos; á outra, porque a função executiva, pelo menos, senão tambem a legislativa, terá dia a dia que resolver problemas novos cuja anticipada apresentação ao eleitorado não teria sido possivel.

Em logar do voto que tresanda a influencias e a desigualdades, a democracia, ao transigir com a inexoravel necessidade do exercicio do poder, deveria, por coherencia ultima, estabelecer o sorteio como systema de recrutamento tanto para legisladores como para agentes do executivo; porque entre homens (e porque não entre mulheres tambem?) que são eguaes, tal indicação, a da sorte, e a unica admissivel com alguma logica ainda e qualquer outro processo se torna susceptivel de ser deturpado pela minoria dos mais favorecidos para, em seu proveito, esta restabelecer uma oligarchia — espantallo que arripa de sincero horror as carnes de qualquer democrata authentico.

Eduardo Lupi.

Raymond-la-Science

Nas audiencias de jury do Sena está-se desenrolando dia a dia o processo dos anarchistas accusados de tantos crimes de direito commum; e de quem durante mezes successivos, empregados de banco, cobradores, automobilistas ou guardas de segurança publica, viveram sob ameaça d'um attentado d'esse bando famoso, ser-lhes-ia talvez agora difficil reconhecer nas respostas pacificas, distillando em mel as doutrinas da anarchia, sob a sua apparencia *intellectual*, esses formidaveis inimigos da sociedade que foram o *homem da carabina*, *Simontoff*, ou o *Raymond-la-Science*!

Porque o curioso d'esses bandidos é a forma *intellectual* e *scientifica* que pretendem assumir. A leitura dos ideologos, dos doutrinarios da anarchia, recheiou os seus cerebros fracos de ideias ferozes e de palavriado vago: a *propaganda pelo facto*, o assassinato, a *reprise individual*, o roubo, são os meios de que é forçado a lançar mão quem quer — *viver a sua vida*. — A brutalidade, a um tempo simples e feroz dos seus actos, corresponde uma mentalidade estranhamente complicada. São argumentadores, discursadores, com a mania do palavriado, que tem na sua nomenclatura pretenciosa o disfarce da *necessidade de se exteriorisar*; cada um d'elles tem as suas theorias, sobre a sociedade, sobre a justiça, sobre o desenvolvimento do individuo, e assim o seu interrogatorio, muito longe de apresentar o pittoresco, vamos a dizer interessante, d'um dos antigos profissionaes, d'um João Brandão, d'um José do Telhado ou d'um Mandrin, toma as proporções d'uma dissertação pedante e aborrecida, diluindo os factos n'um aranzel de palavras, de phrases feitas, lembrando em peor, para quem teve uma vez a curiosidade de os ler, os discursos de Robespierre na Convenção!

Estranho e curioso caso, devéras, que tem, no dizer dos jornaes de grande circulação, desnordeado o publico habitual e os profissionaes do Palacio da Justiça! Exemplo eloquente da progressão logica e fatal que conduz das ideias de Rousseau aos actos de Bonnot! Atacando as classes elevadas, a doutrina do philosopho genebrez preparou a Revolução; as suas theorias justificaram o Terror. Depois foi successivamente invadindo a classe media, a mais conservadora por essencia, e trouxe-nos a democracia, o suffragio universal e as suas consequencias, o culto da incompetencia, o horror das responsabilidades. Finalmente entrou no povo, e a Sociedade estaca assombrada perante essa especie de aborto intellectual, que appella para a Razão e procede em nome da Sciencia! Sinistra ironia! Como então, no seculo XX, em plena civilização moderna, assistimos ao retrocesso do espirito humano, á barbarie, á selvageria primitivas? E' em nome da razão humana *liberada* que Bonnot proclama o direito de viver a sua vida, é em nome da Sciencia moderna que Raymond Calmin procede? A isso deveras se chega, com a Razão *laica*, e com a Sciencia *laica*?

Formidavel problema que põe em cheque a propria existencia da Sociedade, collocando os mais livres espiritos na hora presente em frente a esta pergunta angustiosa: onde está a verdadeira moral social?

Eis o que hoje se chama a *grande questão*. D'um lado, o ideal republicano, o espirito scientifico, a moral laica emfim. Do outro, a moral religiosa, e, digamos sem medo a palavra reaccionaria; o *atheismo*!

Todos sabem como o ex-governo provisório resolveu esse problema maximo: mal passados quinze dias sobre a sua instalação, *considerou*, com o elevado criterio scientifico que tanto o distinguíu, «que o ensino dos dogmas é in-

compativel (é o que lá está, decreto de 22 d'outubro de 1910) com o pensamento pedagogico que deve regular a instrução educativa», e extinguiu o ensino da doutrina christã.

Como o substituiu? Pelo «ensino da moral, feito intuitivamente» (sic) pelo exemplo da compostura, bondade e tenacidade do professor, pela explicação de factos de valor civico que imprimam no caracter o sentimento da solidariedade social.»

E pela «educação civica, feita tambem por preleções do professor que se deverá sempre inspirar nos Sentimentos da Patria, amor do lar, do trabalho e da liberdade.»

Tal qual Raymond-la-Science a fallar. Entretanto o governo exemplificava: o amor do lar, com a lei do concubinato legal, do amor livre, chamada lei do divorcio; o do trabalho, recebendo a tiro os que o reclamavam; o da liberdade, mettendo na Penitenciaria os que pensavam por outra fórma; e passeiava pelas ruas as creanças das escolas, sob o lemma tão sacrilego como tolo: «Sem Deus e sem religião».

Porque a forma curiosa que assumiu o problema portuguez, sob todos os seus variados aspectos, é a de vermos, desde o principio, *Raymond-la-Science* a governar.

E' a mesma mania pedante de *scientificismo*, disfarçando mal a mais portentosa ignorancia que nos mais rudimentares ramos da administração publica jámais affligiu um paiz. E' a hypertrophia formidavel da vaidade assumindo proporções tanto mais disparatadas quanto menor é o valor real e positivo do individuo. E' a intolerancia ferozmente estúpida, revelando a miseria, o vasio, a inanidade intellectual. E' a perversidade

criminoso que impõe a sua presença ao mais nobre dos infortunios. E' a fanfaronada na provocação, levando a sua representação até no sahimento funebre d'um homem de bem. Suprema injuria, affronta maxima! E tudo isto e sempre com a mania doentia de si proprio, fallando, escrevendo ou apparecendo, o que afinal Raymond-la-Science chama: «a necessidade de se exteriorisar.»

Como essa phrase d'um bandido de direito commum define admiravelmente toda a carreira politica dos governantes da republica de Lisboa! A mania de se exteriorisar! Tudo está n'isto. Essa mania, essa necessidade, subjugam e dominam os que se impozeram á nacionalidade portugueza. Veja o paiz onde, em dois annos, o levaram, onde desceu, a que ponto chegou. Aprenda a conhecel-os na sua obra, *que não pode ser outra*. E vendo para onde vae, reconheça a situação e proceda. Quando não, morre. Morte affrontosa!

Paris, 14 de fevereiro.

Ayres d'Ornellas.

“JUVENTUDE CATHOLICA,”

Marco de Canavezes, 10 de Fevereiro

Um numeroso grupo de catholicos, fundou ha dias n'este concelho uma associação denominada «Associação da Juventude Catholica».

Bem fez esse grupo, que com a força da ordem e da lei, deu principio a essa associação, que representa um grande passo no caminho das nossas reivindicções. A entrega dos estatutos já foi feita á auctoridade pelo digno presidente da commissão fundadora, que é assim composta:

Presidente — Dr. Luiz Corrêa de Noronha; Luiz de Faria d'Almeida Lencastre, Antonio Noronha Vasconcellos, Francisco d'Assis de Miranda, José Eloy d'Andradê, Arnaldo de Queiroz.

No fim da primeira reunião da commissão installadora, foi feita a inscripção de muitos socios que estavam presentes, subindo o seu numero a mais de duzentos.

Um Pouco de Historia

D. Pedro IV decidira pedir á sorte das armas a resolução do pleito levantado em Portugal. á morte de D. João VI, sobre os direitos á corôa do Reino. Para pôr em pratica o seu plano, começou a organizar a expedição que um dia desembarcaria na praia do Mindello, e recrutou na Europa grande numero de officiaes, alguns dos quaes tomaram amor ao paiz e ao regimen que haviam ajudado a implantar, e ficaram para sempre em Portugal.

O acaso trouxe-nos ás mãos uma série de cartas de um d'estes officiaes, francez de nascença, escriptas para o seu paiz natal, n'uma epocha em que ainda não conhecia os homens com quem ia viver nem os factos que se estavam desenrolando.

São documentos preciosos para a historia do constitucionalismo portuguez, e em que se vê, mais uma vez, como «a Historia se repete e os homens são sempre os mesmos».

Publicamos hoje dois documentos d'esse valioso archivo.

Desembarque do Messias Pedro IV nos Açores. O atrazo do soldo semeava o descontentamento nas hostes miguelistas.

«S. Miguel dos Açores, 23 de fevereiro de 1832.

«Após doze dias de travessia, o mau tempo forçou-nos a aportar a S. Miguel, onde apreamos hontem de tarde. Apanhamos tres dias d'um temporal horrivel, tres dias em que corremos verdadeiro perigo. Mas, graças a Deus, ficamos quites com um mastro que a tempestade nos levou. No começo da viagem, realmente felicissima, aprisionamos uma nau de D. Miguel, tres dias depois de termos partido de Bellile. Por ella sabemos que o exercito miguelista está acantonado em toda a costa de Portugal, mas que nas suas fileiras lava descontentamento geral, e que o Imperador é esperado em Lisboa como o Messias, tal é a incompatibilidade da nação com o actual regimen.

«O capitão do navio, por nós aprisionado, disse-nos mais que o tyranno de Portugal assignara um decreto pelo qual todo o

individuo (sem excepção) que faça parte da expedição, será preso e enforcado immediatamente. Esta noticia reanimou ainda mais, se possivel é, o zelo de todos quantos se votaram a esta nobre causa.

«Hoje apenas posso dictar-lhe estas curtas laudas, porque o navio que as deve levar está já «sob velas».

«Nós estamos todos de saúde, e impacientes por marchar sobre Lisboa d'onde expulsaremos, tenho fé, o monstro que lá reina.

«Adens! Abraço-os a todos, saudosamente».

Palmellas e Ficalhos nas masmorras miguelistas — Os carcereiros de D. Miguel não esperavam que os prisioneiros fossem sentenciados: assassinavam-os nos fortes, deitando ao mar os cadaveres.

«S. Miguel dos Açores, 3 de março de 1832.

«Logo á minha chegada a S. Miguel, ha uns oito dias, — a minha querida tia deve saber — apressei-me a escrever ao tio para Inglaterra, annunciando-lhe o nosso desembarque n'esta ilha, após doze dias de mar. Espero que elle tenha recebido a minha carta, que foi dentro d'outra dirigida a Lafayette e que foi vivamente recommendada pelo consul inglez.

«Nós apanhamos tres dias d'um temporal medonho a 200 milhas dos Açores, de maneira que nos foi impossivel aportar á Terceira. Felizmente abrigamo-nos em S. Miguel, não tendo soffrido do mau tempo outras desfeitas do que a perda do mastro grande.

«O Imperador foi aqui recebido com um entusiasmo difficil de descrever. Quinhentos a seiscentos rapazes alistaram-se logo nos dois regimentos que compõem a guarnição, para tomar parte na expedição. E' incomparavel a ordem e disciplina das tropas que formam a guarnição da ilha, e que compreendem: dois regimentos, caçadores 5 e infantaria 18, que tomaram S. Miguel em agosto ultimo. Os officiaes, subalternos e soldados estão animados da melhor fé, e de-

Perfumaria Balsemão

RUA DOS RETROZEIROS, 141

TELEPHONE 2:777

LISBOA

cididos a triumphar ou a morrer, porque todos elles sabem que não podem esperar quartel dos miguelistas. A expedição dispõe de doze mil homens de tropas regulares portuguezas, e um batalhão de infantaria de marinha ingleza. Ha tambem um que se chama o «Batalhão Sagrado», composto de officiaes de todas as guarnições, e emfim as equipagens dos differentes navios de guerra e de transporte.

«O total é de quasi quinze mil homens. O decreto de D. Miguel ameaçando de execução summária os que viessem a cahir prisioneiros, só serviu para mais lhes fazer sentir a necessidade de se baterem bem e para lhes augmentar a sua exasperação. Todas as noticias que nos chegam de Portugal são concordes em affirmar que só esperam pela chegada da expedição á costa de Portugal, para se pronunciarem em favor da Rainha, e que a maior parte do exercito é desafecto a D. Miguel, que ha tres mezes lhe não paga. Contudo a minha convicção é que haverá resistencia ao principio, e que a defeccão começará a dar-se quando nós conseguirmos desembarcar em algum ponto de Portugal. E' provavel que antes de chegarmos ao Reino, tentemos um desembarque na Madeira, porque a tomada d'essa ilha teria uma influencia moral muito grande em Portugal. Asseguram-nos que a população está por nós. Houve uma revolta, ha umas tres semanas, d'uma parte da guarnição, mas infelizmente não vingou, e os principaes responsaveis do movimento foram presos—perto de cem homens—, e enviados para Lisboa, para lá serem executados.

«Estamos muito apprehensivos pelos infortunados que estão no forte de S. Julião, porque o director d'essa prisão é um homem infame que declarou que logo que a expedição apparecesse, elle mandaria deitar ao mar todos os presos. Dizem-nos que quasi todos os dias ha assassinaes d'este genero, porque se veem cadaveres boiando em torno d'essa fortaleza. Imagine as mortaes inquietações de todos os que tem parentes ou amigos nos ferros d'essa horrivel prisão. A pobre marquezia de Palmella tem lá a mãe (a condessa de Niza); e a marquezia d'Angeja, os Suberra, a condessa de Ficalho (cujos tres filhos estão aqui) a condessa da Camara, e outras pessoas illustres são do numero dos infelizes votados a esta morte horrivel. Como pode ainda haver gente que ouse apoiar um monstro capaz d'ordenar semelhantes horrores! A causa que nós defendemos é não só a do direito e a da justiça, mas a da humanidade. Por isso não duvido que o ceu a preteja!...

«Sua Magestade continua a ser bondosissimo para mim. Senta-me á sua meza, assim como ao jovem marquez de Lasteyrie (com quem partilho o mesmo alojamento). Creio que, chegados á Terceira, nos nomeará seus ajudantes de campo. Nós aceitaremos reconhecidos, mas a nossa intenção é de ser do «Batalhão Sagrado» os primeiros a desembarcar, como simples soldados. Porque se nos contentassemos com o serviço d'ajudantes de campo do Imperador, nos arriscavamos a ser uns meros espectadores do combate, quando ao contrario queremos ser dos primeiros actores.

«Partimos amanhã, 4 de março, para a

Terceira, onde acabamos de saber que chegaram felizmente todos os navios da expedição. O Imperador tomará a regencia, ao chegar lá, e a que agora existe será dissolvida immediatamente.

«Mandar-lhes-hei novos pormenores pela condessa de Villafior que sei estar na Terceira, e que deve partir sem demora para França onde esperará o epilogo do grande drama.

«Como hoje só escrevo a si e ao sr. L., peço-lhe tenha a bondade de dar noticias minhas aos nossos amigos.

«Adeus, minha boa e querida tia; beijo-a saudosamente, assim como ao tio e a toda a familia».

Abro esta carta, para lhe dizer que a marquezia de Palmella acaba de receber n'este momento cartas de Lisboa em que lhe dizem que a mãe d'ella ainda não foi presa (como lhe digo acima), e que a irmã e a condessa de Ficalho, marquezia de Angeja e condessa da Camara foram transferidas para conventos. Só os desgraçados Suberra jazem ainda no forte de S. Julião. De Lisboa dizem mais que as tropas de D. Miguel não offerecerão sequer a resistencia de se defenderem.

Pela copia,

J. L.

Os bons tempos da tropa

O cabo 45, era na companhia tido por uma praça bem fallante e muito scientifica, como dizia o mestre do caso dos alfaiates.

Um dia vae á revista diaria de saúde. O tenente medico:—«E você, cabo, de que se queixa?»

—«Saberá vossoria, sr. Doutor, que eu sinto assim como que uns calafrios e uns calaquentes, que não posso parar... e depois uma desyntheria com uma prisão de ventre.....»

La sendo castigado.

S. P.

SEMANA MUNDANA

UM RECADO

No grande palacio ha festa, festa rija. Os salões resplendem de luzes.

Ao grande portão, abrindo sobre o vasto atrio em que palmeiras magnificas e flores

sando com um homem de chapéu molle, que o major confidenciou logo em volta, com uma certeza absoluta, ser um carbonario, e dos mais terriveis, o que fez com que d'ahi por diante todos começassem a olhar para elle e a trocar segredinhos, com o que, não posso assegurar-o, mas pareceu-me, ter ficado o homem seriamente atrapalhado. Eu, porque me deixara ficar embevecido olhando a Chica que parecia vir nua sob o vasto casaco de velludo, cuja abertura em frente lhe deixava ver o decote do vestido, por maneira que parecia ter a Chica sahido precipitadamente do banho sem ter tido mais tempo que enfiar o casaco, pôr o chapéu e calçar as meias e os sapatos.

Mas quando chegou a nossa vez de apertarmos a mão ao Sousa, tanto eu como o major fomos habilmente naturaes nas nossas expansões.

O major, que era conhecido pela sua respeitabilidade de maneiras e de proceder, deu um geito pandego ao chapéu e atirando uma pançadinha ao Sousa, disse-lhe muito alto, n'uma grande algazarra, mas sem perder de olho o carregador e o homem de chapéu molle:

—Ah! seu maroto!... que lá vae a esses diasinhos de pandega no Porto!...

O Sousa não esperando a pançadinha, encolheu sobresaltado o corpo, e, sem querer, deixou cahir a mala.

Foi um pavor em volta. Toda a gente correu logo a envolver de novo o Sousa, e varias vozes exclamaram n'um susto:

—Olhe a mala!... Olhe a mala!...

Depois todos ficaram olhando em silencio o carregador e o homem de chapéu molle, a ver se elles teriam desconfiado de alguma cousa.

Eu aproveitei a occasião para fazer os meus cumprimentos ao Sousa:

—Senhor Sousa... como me disseram que V. Ex.^a ia divertir-se uns dias ao Porto...

E n'esta altura pisquei-lhe o olho a dar-lhe a entender que eu tambem era da trama e que sabia tudo. Depois proseguí:

admiraveis dão o aspecto de jardim encantado, chegam successivamente automoveis e trens que á festa conduzem a fina flôr da sociedade lisboeta.

Junto do portão, contidos por dois ou tres guardas, um grupo de maltrapilhos olha curiosamente as lindas mulheres que se apeam das carruagens e dos automoveis, apanhando a longa cauda do vestido, e os homens que, de casaca, as acompanham.

De vez em quando do grupo sahe uma risada ou um murmuro de rancor.

—Thalassas! dissera um rapazote de boina, de aspecto miseravel.

—Thalassas! tinham repetido, rancorosamente, em volta, algumas vozes logo abafadas por uma ordem secca de um dos policias e pelo ruido de um automovel pondo-se de novo em marcha.

O grupo serenára depois, e novos carros com convidados foram chegando.

A certa altura, quando de um automovel descia uma senhora elegante e distincta, que um sujeito ainda novo acompanhava, do grupo avançou uma mulher de lenço que, traçando o chale, gritou:

—Psst!... ó! sua fúria!... A sua prima manda dizer que não pode vir á festa porque está preza no Aljube ha uns poucos de mezes... hein!... E olhe lá... que não é por ladra... E' por conspiradora!...

A senhora rapidamente atravessou o passeio, e então o rapazote de boina, de aspecto miseravel, que pouco antes murmurára rancorosamente o primeiro *Thalassas!*, estendeu o braço e tocando com um dedo no hombro do sujeito de casaca que descera tambem do automovel, disse-lhe, cuspinhando para o lado:

—Já agora tambem lhe quero dizer uma cousa, ó! cavalheiro... O seu primo Pedro, tambem não pode vir á festa porque morreu... Morreu em Chaves.

E enquanto o sujeito de casaca entrava rapido o portão, o rapazote de boina erguendo o braço gritou:

—Viva o dr. Affonso Costa!

Não sabemos se lá de dentro, das salas resplandecentes de luzes o viva foi correspondido.

Mas é natural que sim.

Anselmo.

PHANTASIAS

O terceiro hospede

Cahia a tarde, uma tarde serena de primavera.

A' porta de um grande hotel parisiense, onde de costume se hospedam os grandes millionarios da America e os reis da Europa, parára um automovel, e dois homens, um de barbas brancas, outro de barbas pretas, um sereno e forte, outro nervoso e energico, apearam-se lentamente, enquanto alguns creados corriam a receber varias malas que o *chauffeur* lhes estendia.

Os dois viajantes, em passo já mais ra-

—... que ia divertir-se uns dias ao Porto entendi ser de meu dever apresentar-lhe os meus cumprimentos, apezar de não ter a honra de o conhecer, fazendo votos para que seja muito bem succedido nos seus divertimentos para honra, gloria e felicidade da nossa Patria.

Estas palavras pareceram commover o Sousa que, em silencio, me deu um grande abraço, conservando-me algum tempo de encontro ao peito. Por fim, n'um novo abraço, segredou-me:

—Vae tudo muito bem... muito bem...

Olhou em volta, demorou a vista um pouco no carregador e no homem do chapéu molle e depois, puxando-me de perto, tornou a segredar-me:

—Até tenho medo de não ir a tempo, porque...

Eu interrompi-o logo:

—Bem sei... bem sei... A Nogueira escreveu... contou-m'o a Chi...

Mas suspendi a phrase. Pareceu-me que dizer que o soubera pela Chica era apoucar-me aos olhos do Sousa. E então emendei:

—O *comité* mostrou-me a carta... Só ventarolas quatro e peças... peças creio que são para cima de setecentas mil...

—Não... Não... Não é isso, disse logo o Sousa com um enorme receio de que eu não soubesse bem como era todo o segredo. Peças é que são...

—Eu sei... eu sei... Enganei-me... V. Ex.^a comprehende... São tantos os segredos que eu quando os conto, algumas vezes engano-me... Mas sei... Quatro reis do baralho... todos de repetição... para o palacio das fechaduras...

E cada vez me embrulhava mais n'aquelle receio de que chegasse a hora do comboio e o Sousa partisse sem perceber bem que eu tambem sabia todos os segredos.

Mas n'esse momento a Chica chamava lá do grupo:

—O' senhor Sousa... senhor Sousa... Olhe que são quasi horas...

pido, como quem sente proximo o momento de desaeção apez uma viagem fatigante, dirigiram-se para o *bureau* do hotel, onde o gerente, de pé, os aguardava.

—Desejamos tres quartos, disse o viajante de barbas pretas, que logo accrescentou voltando-se para o seu companheiro: O melhor é marcar-lhe já o quarto.

O outro teve um vago sorriso de tristeza e murmurou:

—Sim, é melhor.

Então o gerente perguntou:

—Em que andar?

Os dois viajantes olharam-se um momento. Depois o mais velho respondeu:

—Um no primeiro andar, que seja bom, confortavel, com uma pequena sala. Os outros dois mais modestos, no terceiro ou no quarto andar... E' indifferente.

E voltando-se para os creados, que aguardavam junto da bagagem, accrescentou:

—Essas malas vão para os dois quartos do terceiro andar...

—E para o do primeiro? perguntou o gerente.

—Para o primeiro... Isso depois... Esse quarto é para...

—E' para um amigo nosso, interrompeu o viajante de barbas pretas.

—Sim, continuou o seu companheiro, é para um amigo nosso que deve chegar em breve...

—Oh! sim, disse o outro, muito em breve mesmo.

O gerente consultando a lista dos quartos vagos perguntou ainda:

—E' para demora?

Os dois viajantes olharam-se hesitantes e o mais novo respondeu por fim:

—Os nossos não... Agora o do primeiro andar... não sei... Depende... Talvez Sua...

E hesitou de novo. Depois proseguiu.

—Talvez Sua Excellencia... esse nosso amigo... procure casa onde habitar de preferencia ao hotel... Elle lh'o dirá...

E pegando na penna, que o gerente lhe estendia, indicando aos criados os numeros dos quartos, o viajante de barbas pretas disse para o seu companheiro:

—Eu escrevo os nomes...

Depois no grande livro do registo dos hospedes traçou, rapidamente, enquanto o outro viajante se dirigia para o elevador cofiando, pensativo a barba branca:

Maura, de Madrid.

La Cierva, idem.

E restituindo a penna ao gerente disse: —O nosso amigo dará o seu nome quando chegar...

Anselmo.

CHRONICA MILITAR

Paris—Fevereiro de 1913.

E' aqui que entra em scena o nosso general Pace.

O general Pace tinha e tem um nome

O Sousa correu logo, mas a meio do caminho o major Sequeira, n'uma ternura, agarrou-o fltou-o um momento em silencio, depois apertando-o contra o peito exclamou!

—Vá... e que Deus as traga em bem.

E grave, na posição de *sentido*, deixou-se ficar immovel, olhando o Sousa que, distribuindo á pressa apertos de mão, saltava para a carruagem, já quando soavava as tres badaladas para a partida.

Lentamente, a um apito da machina, os *wagons* começaram deslizando. O Sousa de chapéu na mão, de pé, á portinhola, correspondia gravemente aos adeuses de toda a rapaziada que lhe acenava com os lenços.

Por fim o comboio desapareceu no tunnel e o grupo encaminhou-se então em silencio para a sahida da estação. A irmã do Sousa chorava. A Chica ao pé d'ella, com o braço passado pela cintura consolava-a.

Eu commovido aproximei-me das duas e murmurei:

—Então, minha senhora, então... Não ha-de haver perigo... Pena tenho eu de não ter ido tambem... Mas agora ha tanto que fazer lá na reparição... e eu...

Mas fui logo interrompido pelo major Sequeira que em voz muito alta, quasi berRANDO, dizia:

—Pois é verdade... o nosso Sousa lá foi para o Porto divertir-se uns dias... E' o costume... elle vae lá quasi todas as semanas... E' já costume...

E ás... ra, piscando-me o olho, apontava-me o carregador e o homem de chapéu molle que passavam fallando de *bagagem* e de *pequena velocidade*.

Eu percebi logo e para o ajudar a disfarçar exclamei tambem em voz muito alta:

—E' o costume... é... Quasi todos os dias vae lá estar umas semanas para se divertir... já é costume... é.

Anselmo.

11 FOLHETIM DE «O CORREIO»

A CHICA

O SOUSA PARTE

Effectivamente era o Sousa que surgia á porta da estação flanqueado, de um lado, pela irmã que chorava que nem uma Magdalena arrependida... de se ter arrependido, e do outro pela Chica, a minha Chica, que vinha com aquelle arsinho importante que ella tomava sempre que ia ao lado do heroe da festa, ou fosse do que fosse.

Seguia-se a tia da Chica a puxar pelo Cazuza, com medo de que elle se perdesse, como se o diabo do rapaz não estivesse já perdido de todo, e de ha muito.

O Sousa vinha grave, circumspecto, com ar de quem ia ao Porto divertir-se no despenho de uma grave missão de que dependesse a paz europeia.

N'uma das mãos trazia a mala, a famosa mala cheia de medalhinhas, que elle energeticamente recusava a todos os carregadores que ia encontrando e que se lhe approximavam na mira de uns patacos pelo carrego.

A entrada do Sousa foi sensacional. Toda aquella gente que alli fóra, para disfarçar, despedir-se d'elle, rodeou-o logo e silenciosamente, gravemente, foi-lhe apertando a mão, com um *Boa viagem!* repleto de subentendidos mysteriosos.

O Sousa, com o sobrolho ligeiramente franzido, correspondia energeticamente ao aperto de mão e dizia:

—Obrigado... Tudo ha-de correr bem.

Eu e o major Sequeira tinhamos ficado para o fim. O major porque ficara um pouco para traz a vigiar o carregador que assobiava a *Portuguezia* e que estava agora conver-

no exercito francez: pela sua competencia profissional, pelas suas allas qualidades de *Chefe* e sobretudo pela nobreza e independencia do seu caracter.

... Mas o general Pace tinha (e tem, crêmo-lo bem) a *infelicidade* de, n'um paiz de Liberdade, de Igualdade e de Fraternidade, (tudo com maiúsculas), ser casado com uma senhora religiosa e que todos os domingos frequentava a Igreja, para ouvir missa. Ainda mais: general Pace tambem, uns dias por outros, a acompanhava.

Tanto bastou para ser acimado de reaccionario e para incorrer nas iras das *esquerdas*, das *lojas*, dos *Andrés*, dos *Combes*, dos *Berteaux*, etc.

Já, quando da nomeação do general Michel para vice-presidente do Conselho Superior da Guerra — para o tal cargo de *Generalissimo pintado* — o nome de Pace, apontado pela opinião sensata e patriótica do exercito, fôra posto de banda, *significativamente posto de banda*...

Comprehendem-se, á face do sectarismo vermelho e *joven-turco*, os escrupulos em ir collocar á frente do exercito, quem tivesse uma cabeça, um coração e um caracter e... não fosse da *Grey*...

Em 1911, abi por Maio e Junho, repetimos, as causas apertavam e, perante o perigo germanico a apontar nas fronteiras de Leste e com a pressão da opinião publica, como atraz deixamos dito — *Messimy*, que succedera a *Goiran* na pasta da guerra, resolveu cortar o nó gordio e convidou o general Pace, a assumir o espinhoso cargo, vago pela exoneração de Michel.

O general Pace entendeu então, e entendeu muito bem, que certas condições deviam ser exigidas por aquelle, a quem na phrase de *Gaston Calmette* incumbia *la plus noble et la plus lourde responsabilité que des hommes puissent confier à un autre homme*. Assim entendia que devia, *obrigatoriamente* ser consultado pelo ministro sobre a escolha de titulares dos altos commandos de unidades, *logo desde o tempo de paz*. *Chéradame* faz notar, e muito bem, que o homem sobre quem impendem tão duras responsabilidades, tem o direito sagrado de se querer rodeiar de colaboradores que possuam a sua confiança.

Em resumo, o general Pace, queria ser um *chefe*, a *serio*, na mais nobre e patriótica aceção do termo e, por consequencia não conveio...

Já lá o dizia por esse tempo um jornal de Berlim, que *Chéradame* cita e nós pedimos vénia, para transcrever para estas columnas:

«Mas a Republica tem um medo extraordinario d'esse *Homem*; eis a razão porque o contrasenso (da supressão do *Generalissimo*) se devia consumir. O que unicamente nos admira é ver tantos officiaes francezes de nome, e cujo valor nós proprios podemos testemunhar, serem senhores de si, a tal ponto, que não quebrem a sua espada e a lancem aos boccados aos pés dos licoristas, jornalistas, advogados, agentes de cambio e medicos especialistas...»

O general Pace não conveio, portanto — e era natural que não conviesse. Veio *Joffre*, official de valor é certo, mas que se adaptou ao meio.

E' verdade, tambem, que em Julho de 1911, *Messimy*, e em Janeiro do anno passado, *Millerand* — cuja passagem na Rue de S. Dominique, deixou um rastro luminoso de bom senso, de patriótica energia e de *talant de bien faire* — conseguiram melhorar as circumstancias, definindo melhor as attribuições dos *Altos Commandos*.

Mas, em verdade, ainda hoje em dia, *Generalissimo no hay*. Tal é o medo do *Dictador*!

E não se lembram, estes politiqueros, que:

«... *Au temps de guerre, le général, quel qu'il soit, muni ou non du titre de Généralissime, qui sera vainqueur de l'Allemagne sera évidemment couvert du prestige de la Gloire. Il n'y a aucune puissance au monde, qui puisse empê-*

cher le coeur des français de bondir vers lui, de lui témoigner une reconnaissance infinie. Il n'y a qu'un moyen d'éviter cette éventualité, c'est de préparer la défait!»

Pela nossa parte estamos certos de que, no caso d'um general victorioso e do general victorioso ser Pace, nenhum francez deixaria de *bondir vers lui* — só pelo facto da esposa ir á missa e elle a acompanhar umas vezes por outras...

S. P.

Carta de Lisboa

O acontecimento politico da semana foi a declaração do snr. Ministro dos Estrangeiros, no Parlamento, com respeito ás colonias e a declaração da carbonaria, em impresso, com respeito aos conspiradores. Na mesma tarde, quasi á mesma hora, ficou o paiz sabendo oficialmente que a Inglaterra e a Alemanha não tramavam absolutamente nada contra a integridade das nossas colonias mas que os monarchicos e os jaimistas tramavam nova incursão contra a estabilidade do nosso regimen. O snr. Macieira fallou com auctorisação do governo de Londres e de Berlim, segundo as suas proprias palavras e a carbonaria fallou com auctorisação da alta venda, segundo a entrevista do snr. Luz d'Almeida na *Capital*, e ambos fallaram como se n'este paiz não houvesse governo responsavel.

Evidentemente a declaração ministerial foi feita de accordo com os representantes das duas nações ou pelo menos em virtude das notificações officialmente por elles feitas ao governo portuguez, relativas ao thema que ha muito constitue por essa Europa fóra assumpto de varios artigos de jornaes e cá dentro motivo de varias apprehensões de patriotas, mas a formula usada e que é já copia do *partiche* marca Augusto de Vasconcellos é que se nos affigura desastrosa. Não ha mesmo exemplo de governo algum, em qualquer parlamento do mundo, vir declarar uma cousa com auctorisação de um governo estrangeiro. Auctorisação para quê? Para declarar o que esse governo affirmou ao Ministro dos negocios estrangeiros? Para isso, bastaria dizer que desejando o govono portuguez certificar-se do que havia de verdade sobre o assumpto, recebera d'esses dous governos a certeza de que elle era completamente infundado. Mais não era preciso, porque se deve partir do principio de que um ministro não diz senão a verdade; mas para dar mais força á expressão, vir escudar-se com a auctorisação de outro governo, é pelo menos um *pleonasmo* diplomatico, de mau gosto. O paiz é aliado da Inglaterra, mas não é seu tutelado, é amigo da Alemanha, mas não pertence a nenhum dos Estados do Imperio, para se fazerem declarações ministeriaes com auctorisação d'elles.

Muitos dirão que isto é uma simples questão de formula, sem importancia, mas as formulas em diplomacia teem todas o seu valor.

Que o governo trate de se assegurar do que de verdade ha na tal projectada divisão colonial que tanto preoccupa a imprensa estrangeira não por certo pelo espirito de justiça a favor de Portugal, mas com certeza pelo espirito de interesse a seu favor, achamos bem; que elle obtenha dos governos d'essas nações, a confirmação de que nada trataram sobre o assumpto, optimo; mas limite-se a declarar ao seu paiz o que lhe permittir a reserva diplomatica e não a substitua por essa franqueza de peor especie como seria o fallar... com licença d'ellas.

Em todo o caso que o thema não tenha passado dos artigos de fundo para as manobras das chancellarias, é o que desejarão todos os bons portuguezes e

que se o passar haja governo, chame-se elle como se chamar, que saiba deffender á altura e dignamente o nosso direito e a nossa justiça.

Com respeito á declaração da carbonaria, tão pouco é de estranhar que o impresso *Prevenção* se tenha publicado com auctorisação da alta venda, mas seja como fôr, affigura-se-nos um acto excusado de *trop de zèle*, ou pelo menos de inconfidencia censuravel. A quem é que o impresso pretende prevenir? O governo? Então diga-lh'o baixinho não só para que se não fique julgando que elle sabe menos do que a alta venda mas ainda para que, se em verdade esses manejos se aviyaram, os seus auctores continuem pensando que elle o ignora.

O contrario não é logico, a não ser que tudo isso, impresso, prevenção, entrevista da *Capital*, não seja apenas senão um *truc* demasiado banal para desviar as atenções do paiz da amnistia, continuando-se ao mesmo tempo a manter no estrangeiro uma espionagem que só pôde servir... a quem n'ella se empregar. O resto é musica celestial, porque se o governo da Republica não souber ou não puder deffender o regimen, como o não soube o gabinete do snr. Teixeira de Souza em 1910, não é a Carbonaria que o ha-de poder.

As Carbonarias fizeram-se para conspirar; nunca para manter a ordem. E' por isso que nunca se podem entender com os governos estabelecidos, porque são incompativeis!

Isto, claro, quando o governo governa!

Quarta-feira, 26

Raul

Chronica dos Theatros

Sá da Bandeira — Hoje, *première* da bella operetta austriaca *Sangue Creolo*, ornada de linda musica e com uma excellente *mise-en-scene*. Tomam parte os principaes artistas da Companhia Gomes & Grijó.

Carlos Alberto — Amanhã reaparição da comedia lirica *Flor da Rua*, original de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa e musica de Fernando Moutinho.

Aguia d'Ouro — Hoje, espectáculo por sessões, pela Companhia portugueza de Grand Guinol de que faz parte Adelina Abranches. Sóbe á scena *A Grande Morte*. No desempenho entram Adelina Abranches e Alexandre d'Azevedo.

A encenação é perfeitissima, para o que muito contribue os conhecimentos tecnicos de Portulez e Julio Machado.

Colisen de Variedades. — Grandioso match de lucta greco-romana entre o luctador Vitelio e o inglez Freed Atilla.

Pela Companhia será executado um selecto programma.

CINEMATOGRAFOS

Jardim Passos Manoel — Continuam a agradar as distinctas duettistas *Les Trombetas*.

No cinema, empolgantes fitas de Vitagraf, Gaumont e Cines.

No hall, concerto pelo sextetto Gornér.

Salão High-Life (Batalha) — Sensacional espectáculo n'este elegante salão. Novas estreias de lindas fitas.

Salão Pathé (Rua da Conceição) — Hoje, duas estreias maravilhosas.

Annuncios

Dr. M. Forbes Costa

CIRURGIÃO DOS HOSPITAES

Antigo assistente das clinicas de Paris, Berlim, Londres e Vienna

Doenças genito-urinaes, venereas e syphilis

Diagnostic e tratamento da syphilis pelos processos mais modernos, especialmente pelo salvarsan (606) e neo-salvarsan.

Praça da Liberdade, 124-1.º

Das 2 ás 5 horas

Telephone, 143

Heroes de Chaves

Nova marca de cigarros

Manipulados com finissimo tabaco havano suave

SUCCESSO COLOSSAL

Em todas as tabacarias

15 cigarros, 90 reis

CIGARROS

Presidente ARRIAGA

Fina mistura de tabaco havano

A MARCA DE MAIOR SUCCESSO EM PORTUGAL

Cuidado com varias marcas imitações d'esta famosa marca

RECOMMENDAMOS

as excellentes e magnificas pennas

D. CARLOS I e D. MANOEL II

em bonitas caixas com artisticas photographias de Suas Magestades

Fabricação exclusiva dos fabricantes inglezes

D. LEONARDT & C.º

Vendem-se nas boas papelarias de Portugal

ATELIER DE ROUPA BRANCA

M. D'AGUIAR LEITÃO

Proprietaria e directora:

Marqueza Isabel d'Aguiar Leitão

Fabrica e deposito de roupa branca para homem, senhora e creança.

Os mais elegantes modelos em roupa branca de senhora, (especialidade d'esta casa).

Enxovaes para casamento. Enxovaes para baptisado.

BRINDES A TODAS AS NOIVAS

20, Praça da Batalha, 22 — PORTO (A' entrada da R. de Santo Ildefonso)

A EUROPA

PADARIA, CONFEITARIA E PASTELARIA

Rua da CONCEIÇÃO, 71 a 75

Rua das OLIVEIRAS, 108 a 128

TELEPHONE, 651

Padaria montada em harmonia com as disposições emanadas da fiscalização dos Productos Agricolas, fornece toda a qualidade de pão e com especialidade o Pão de Luxo, Vienna e outros. Distribuição aos domicilios de manhã e á tarde, observando-se n'estas a mais rigorosa hygiene e completo asseio.

O serviço de panificação está franco a qualquer hora do dia ou da noite. Bolachas, biscoitos, tosta doce e azeda. Vinhos finos e de consumo, tintos e brancos, engarrafados, licores e champagnes, cervejas nacionaes e estrangeiras.

Aguas mineraes e mais genero congeneres.

CHÁ, CAFÉ CACAU, DOCE FINO, FRUCTOS DOCES e SECAS.

“ADESIVOS E MAKAVENCOS,,

Chegou nova remessa d'estes magnificos bacios á casa

“AU BON MENAGE,,

81, Rua de Cedofeita, 85

Teleph. 942—PORTO

Casa especialista no fabrico de colchões de arame, colchões de folhelho, lã, crina e summauma

Unica colchoaria no Porto que possui um bem montado serviço de esterilização e desinfecção pelo vapor sob pressão.

O proprietario,
Julião D. Monteiro

Empreza Nacional de Navegação

PARA A COSTA OCCIDENTAL D'AFRICA

Sahidas em 7 de cada mez:

Para a Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Landana, Cabinda, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes, e para S. Antão, S. Nicolau, Sal, Boavista, Maio, Fogo, Brava, Bolama e Bissau; com baldeação em S. Vicente.

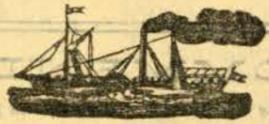
Sahidas em 22 de cada mez:

Para S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, S. Antonio do Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes, Bahia dos Tigres e Caboandel para Fogo, Brava, Maio, Boavista, Sal, S. Nicolau, S. Antão e S. Vicente, com baldeação em S. Thiago.

Para carga e passageiros trata-se no escriptorio da Empreza

RUA DO COMMERCIO, 85—LISBOA

Compagnies de Navegation



Sud-Atlantique

Linha postal. Para Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Ayres, com escala por Dakar.

A 11 de Março o paquete *Burdigala*.

A 25 de Março o paquete *Divona*.

Linhas Comerciaes. Para Pernambuco, Bahia, Santos e Buenos Ayres, com escala por Dakar.

A 1 de Março o paquete *Liger*.

A 1 de Abril o paquete *Garonna*.

Para Bahia, Santos e Buenos Ayres com escala por Dakar.

A 19 de Março o paquete *Samara*.

A 16 de Abril o paquete *Seguana*.

Para Bordeus.

A 3 de Março o paquete *Samara*.

K. H. Lloyd (Maia Real Holandeza)

Para Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres.
Para Vigo, Boulogne, Paris, Dover, Londres e Amsterdam.

Linha Cyp. Fabre & C.º

Para New-York, Providence e mais cidades dos E. Unidos da America do Norte.
Para *Marselha*. A. 25 de Fevereiro o paquete *Roma*

Para carga e passageiros e mais esclarecimentos trata-se com

OREY ANTUNES & C.º

No Porto

Largo de S. Domingos, 62, 1.º

Em Lisboa

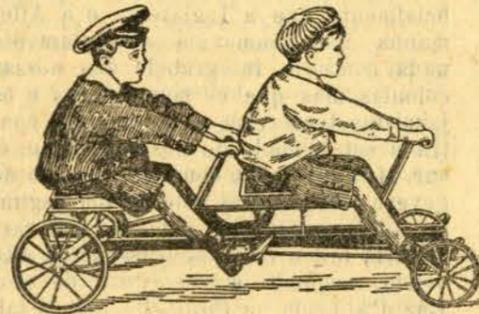
Praça Duque da Terceira, 4.

CIMENTOS

NACIONAES E ESTRANGEIROS
POR GROSSO

Vantagens excepcionaes para grandes fornecimentos e contractos annuaes, etc.

J. WIMMER & C.ª
LISBOA



Pão de graça

Aos medicos, medicas, parteiras e hospitaes fornecemos o necessario para analyse e experiencia nos tratamentos dos diabeticos, dispepticos, tuberculosos e anemicos. O pão de *Gluten* é o mais leve e mais fino e tem sido empregado com optimos resultados.

Basta um simples postal para ser logo fornecido.

Unico concessionario em Portugal e Hespanha — Manuel J. Ferreira Valente. — Padaria Nacional — Rua de Liceiras, 140 e 144 (e suas filiaes).

Aos paes que velam pela saude de seus filhos, recomendo este aparelho, porque é tambem aconselhado pelos mais distinctos clin.cos.

Bazar Esmeriz
CLERIGOS, 70

Magalhães & Moniz, L.ª

LIVRARIA EDITORA

Depositarios da Imprensa Nacional

Venda de livros nacionaes e estrangeiros de ensino, arte, sciencias e letras.

Agencia de assignatura para todos os jornaes e publicações
CORRESPONDENTES EM TODO O MUNDO

CASA FUNDADA EM 1873

11, Largo dos Loyos, 14—PORTO

Fabrica de pregos e ferragens para malas

A unica no Paiz que fabrica todos os artigos para confecção de malas de viagem

PEDIR CATALOGOS E PREÇOS AO DEPOSITO

Rua de D. Pedro, 110-2.º

PORTO